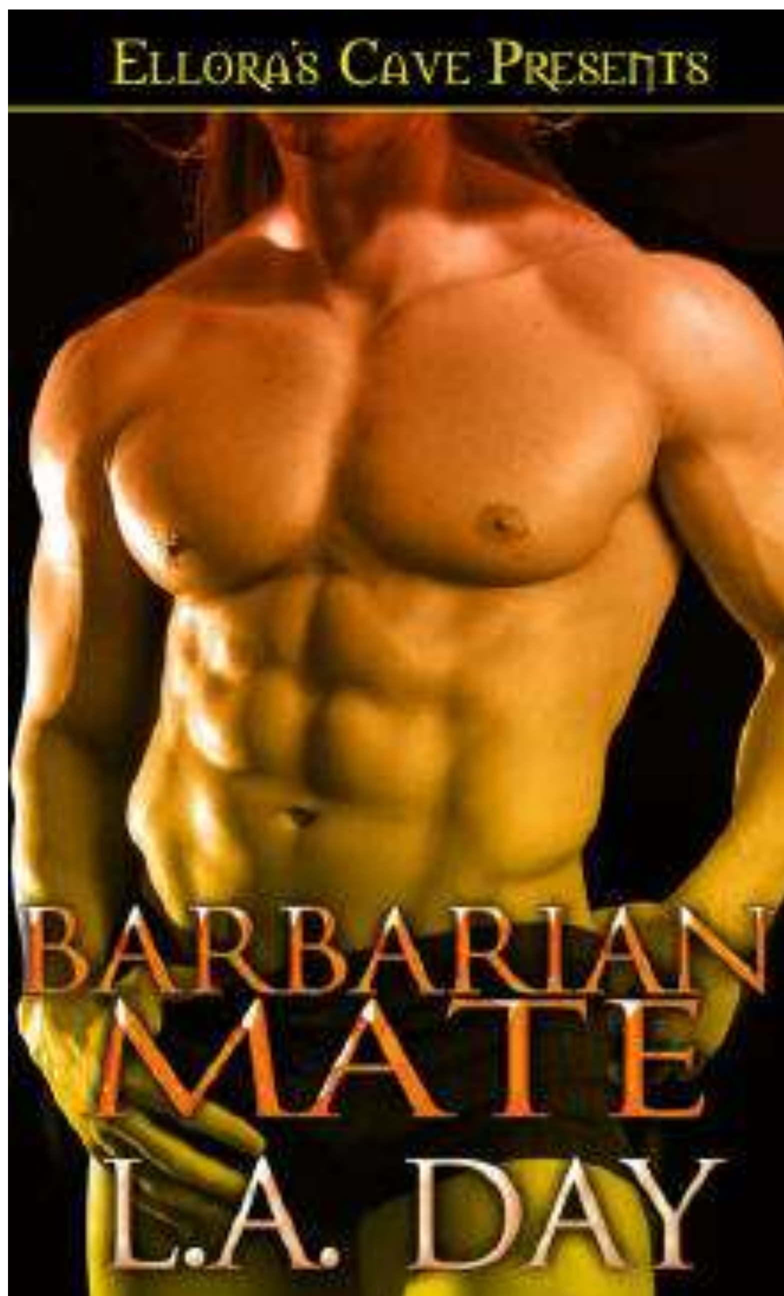
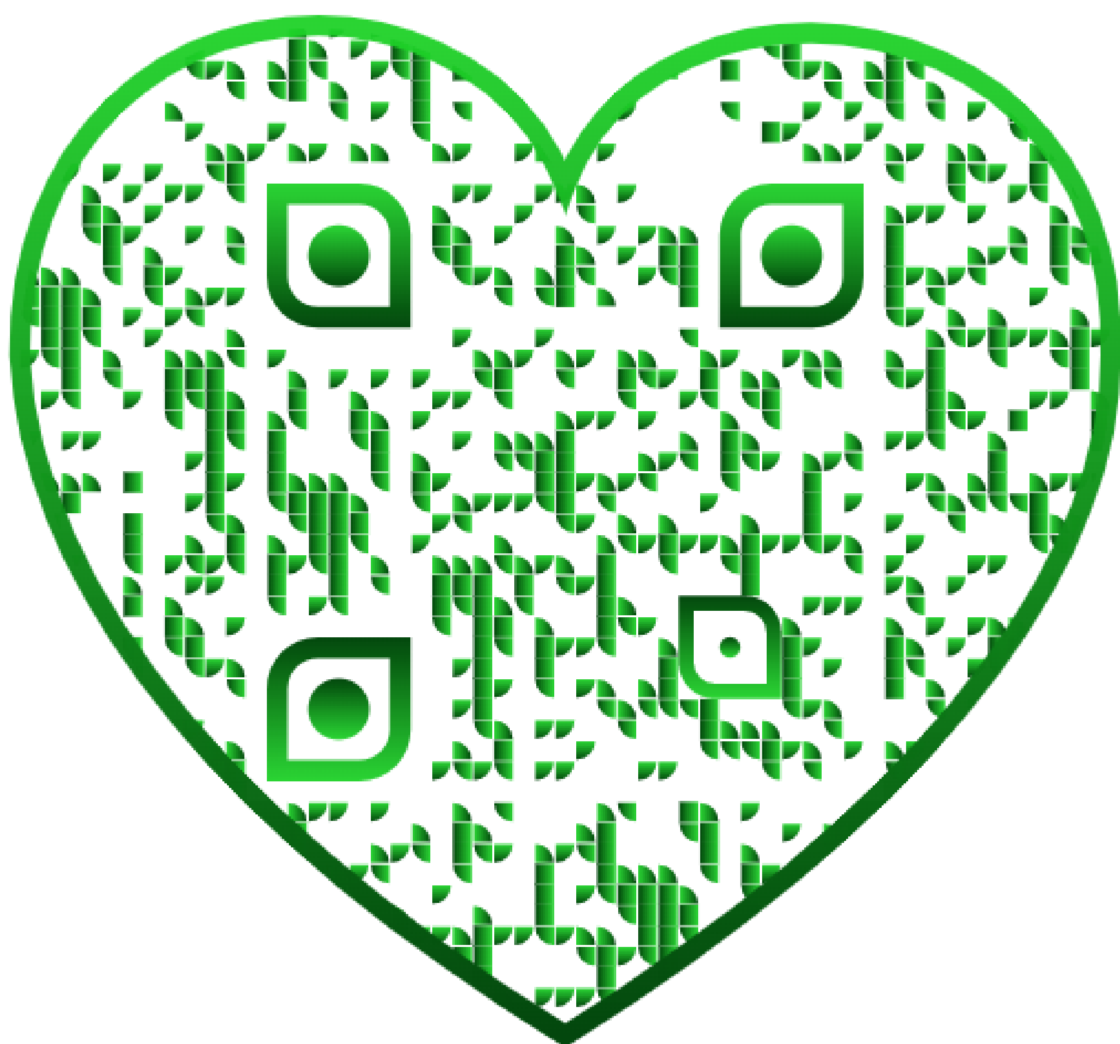


Meu Companheiro Bárbaro

L.A.Day

Disponibilização e Tradução: Mell
Revisão Inicial: Carmelita Freitas
Revisão Final e Formatação: Paulinha



Meu Companheiro Bárbaro

L.A.Day

2007.

Este livro é uma obra de ficção e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, ou lugares, eventos ou locais é mera coincidência. Os personagens são produções da imaginação dos autores e usados de modo fictício.

Conteúdo Adverte:
S-ENSUAL
E-ROTICO
X-TREME

Sinopse

Na terra de Barbar, feiticeiras são criadas num reino separado dos bárbaros. Apenas para a reprodução é que as fêmeas procuram os homens.

Eliza é a futura sacerdotisa do clã feminino e é tempo para recolher sêmen. Quando jovem, ela escolheu Bruton como seu doador de sêmen. Seus músculos ondulandos e doces palavras a fascinou, mas soube que não poderia aceitar nada mais além de sua semente. As pessoas precisavam dela e deveria retornar a eles, mesmo que deixasse seu coração com o seu companheiro Bárbaro.

Eliza não lembrava de sua infância em Barbar, mas de Bruton sim, como se tivesse ocorrido a anos atrás, espionou-o em sua banheira. Ela era muito jovem para colher sua semente, então ele libertou-a. Ele está esperando o dia em que Eliza voltará, mas desta vez ele pretende ficar com ela. E a ligará ao seu corpo para mantê-la ao seu lado, mas pode o seu amor e sua paixão explosiva vincular seu coração com o seu ou irá voltar para o seu povo com a sua semente e seu coração?

Dedicatória

Isto é para meu Bárbaro companheiro, meu marido há quase vinte anos. Sem seu apoio e amor, eu não teria o tempo ou desejo para expressar eu mesma em um papel. Obrigada por ser meu macho alfa.

L.A.Day.

Capítulo Um

—Bárbaros! —A palavra estourou dos lábios de Eliza.

A raiva e frustração a inundaram por dentro, enquanto assistia os guerreiros lutarem no centro da aldeia. Uma mulher do clã avançou e escoltou os cativos machucados para o chalé da comunidade. A idéia de que Bruton poderia ter feito isso com os cativos estragou seu prazer em vê-lo.

Girando as rédeas de seu garanhão desviando de um jovem rapaz, Bruton entrou em seu chalé, ignorando as fêmeas. Eliza rolou seus ombros tensos - ciúmes não era uma emoção aceitável para a futura Sacerdotisa de Liberian, mas ela temia o que fosse que estava queimando em seu peito. Bruton esteve com algumas das fêmeas? Ela ajeitou seus ombros e levantou seu queixo. Não importa, pois seu único interesse em um bárbaro para a sua descendência.

Eliza pensou em caminhar até a aldeia para juntar as sementes necessárias, mas seu orgulho não permitiria isto. Ela considerou ser um clã rival, um outro doador de sêmen, mas seu estômago se rebelou com o pensamento. Não. Era a semente de Bruton que ela queria.

Dentro de minutos, a porta para chalé de Bruton foi empurrada ao lado e ele saiu. Sem o traje de guerreiro, ele estava com coxas volumosas abertas separadamente, vestido só em calções tradicionais e botas até o joelho. Seu cabelo escuro vagou sobre seus ombros e músculos flexionaram em seu braço quando ele o levantou saudar outro bárbaro. Sua língua ficou presa repente, sua boca ficou seca. Ela era de maioridade e pronta para a reprodução. Ela apertou suas coxas, a umidade vazou em seu centro. Ela estava pronta, pronta para o ato e adquirir sementes.

Tasha, sua amiga de longo tempo, andava perto de uma loja, sendo seguida por Tilo seu doador de semente. Era bom ver que Tasha estava bem, era óbvio que ela nascido seu bebê um bárbaro. À distância, ela não podia discernir as palavras com que Tilo abordou seu chefe. Bruton colocou uma mão no ombro de Tilo à medida que eles falaram. Um sorriso súbito iluminou rosto normalmente sombrio de Bruton conversando com Tilo.

Alguma coisa que Tilo disse deixou Bruton contente. Ela perguntou-se se eles falavam de fêmeas. Ela cruzou seus dedos, torcendo para que não entrasse na pousada da vizinhança, não estava certa se seu coração podia agüentar um golpe como esse.

Ela ficou sem ar de repente, quando ele girou em seus pés e dirigiu-se ao rio. Seus calções apertados ajustaram em suas coxas e traseiro bem desenvolvido, trazendo um gemido para seus lábios. Andando quietamente pelas árvores, ela alcançou a extremidade de rio. A decepção chamejou quando a água escondeu sua forma impressionante aos seus olhos.

* * * * *

Bruton descansava na água, molhando seus músculos cansados. Tinha sido uma jornada árdua, salvando as fêmeas capturadas de um clã rival. A batalha tinha sido sangrenta, resultando em várias mortes, mas agradecidamente, nenhum era de seu

clã. O frescor da água relaxou muitos de suas dores e sofrimentos, mas não a dor latente de seu pênis. Tilo tinha dito a ele que Eliza entrou neste reino.

Ele sabia que seu tempo estava próximo e agora seu tempo solitário de espera estava perto do fim. Ainda assim, as dúvidas atormentavam a sua mente. Tasha, por meio de Tilo, lhe assegurou que Eliza tentaria juntar sua semente. Infelizmente, ele temia que fosse tudo o que ela queria. E se ele não agradá-la o bastante e não quisesse ficar? Ele podia permitir que ela retornasse ao seu povo, levando sua semente, sua descendência com ela? Em todas as coisas que ele era é confiante, sempre certo de si mesmo e suas habilidades, mas agora que seus olhos esquadrinharam as árvores com um movimento, suas mãos agitaram com a violência da emoção que ele segurou à distância.

Um movimento leve nos galhos pegou seu olhar. Um flash de cabelos loiros entre o verde, seu cabelo longo como um farol desenhando seu olhar faminto. Ela parecia tão nervosa quanto ele se sentia. No caso dela, existia boa razão. Ela nunca acasalou antes, pelo menos não com um macho. Tilo disse a ele das histórias de horror que os Liberians ensinaram a suas filhas sobre os machos bárbaros. Ela provavelmente esperou que ele a levasse à força, sem se importar com sua dor ou seus sentimentos.

Nas sombras das árvores, ela era alta e orgulhosa e seus lábios franzidos diante da visão. Seus seios fartos nus revelavam seus mamilos grandes, fuscos. Seu corpo subiu em chamas. O frescor da água não podia parar seu galo de vir para a excitação e o comprimento total em sua abordagem tímida. Ele esteve com fêmeas em sua juventude, mas nenhuma despertou o modo que ela fazia. E veio para ele buscando sua semente, mas tinha a intenção de ter mais. Seu pênis pulsava de necessidade há muito tempo negado, mas ele não deu boas-vindas ao desejo quase opressivo. A paciência é uma virtude, testada penosamente quando ele observou o seu movimento. Ah, se fosse ganhar seu coração, como também seu corpo, teria que prosseguir com cautela, não apressá-la como um veado em calor.

* * * * *

Eliza saiu da árvore, limpando suas palmas suadas na frente de sua saia de camurça. Ela tragou profundamente, olhando abaixo em seus seios nus autoconsciente. As fêmeas de sua aldeia vestiam coletes para esconder seus seios. Será que desagradam ao vê-la vestida com tão pouco? Não havia necessidade para modéstia em uma multidão feminina. Seios eram vistos como apenas outra parte do corpo, usado para amamentar um bebê. No entanto, aqui parecia lasciva e indecente para tê-los em exibição. Ela levantou suas mãos para cobrir os montes de carne, quando eles se levantaram e caíram rapidamente com sua respiração apressada. E ofegou com espanto. Seus mamilos estavam apertados e sensíveis ao toque. Foi uma coisa curiosa e ela passou as mãos através das pontas emaciadas. Os mamilos tensos arrastados através de suas palmas e ondulações de formigamento de tiro de calor para sua virilha. Ela lançou uma respiração trêmula e às pressas abaixou suas mãos.

Ela podia se aproximar dele vestindo apenas uma saia? Ela torcia suas mãos nervosamente. Ela podia soltar isto, descobrindo seus cachos aos seus olhos e ir juntasse a ele no rio? Ela pensou que estava pronta, mas agora estava insegura. Ela participou de missões perigosas e nunca teve seu coração batendo como uma bateria em seu peito.

Sua respiração era rápida, com um frio no estômago. Ela desejou que pudesse ser mais apresentável.

A umidade nas árvores foi esmagadora, os dois sóis em Barbar e inexoravelmente cheirava a um javali selvagem. Centrando suas energias, ela fechou seus olhos e se concentrou.

Uma brisa fresca surgiu tremulando folhas e pétalas de flor que giravam ao redor dela numa carícia perfumada. Ela abriu seus olhos e o vento desapareceu. E se sentiu melhor para enfrentá-lo. Havia ainda uma chance que ele não a queria.

Afinal, ele provavelmente teve recentemente a compania com uma ou mais cativas. Esse pensamento queimou em seu coração. Não importava como ela parecia, só precisava de sua descendência e desde que ele fosse um bárbaro, ele acasalaria com qualquer fêmea. Ela provavelmente não era a primeira a juntar-se ao Bruton, nem que ela fosse a última. Seus lábios se curvaram no pensamento triste. Ela nunca falou a uma de suas criadas que tinha desejado seus bebês, temia que não quisessem saber.

Ela saiu das sombras, seu queixo inclinado corajosamente olhou buscando o seu. Ela não o deixaria ver seu medo, sua vulnerabilidade. Ela tinha uma missão a cumprir e faria isto antes de retornar com sucesso para seu clã. Seus passos hesitaram quando ele levantou na água. Um vislumbre da água vislumbrava através do contorno de seu tórax poderoso. Ela hesitou por um momento quando a água ondulou perto dele. Era a cabeça de sua vara, desatando do rio como se fosse uma serpente avistando a presa.

Ela engoliu seco ao ver e então continuou em sua jornada. Lentamente, ela se aproximou do banco e ele se manteve firme na água, sem fazer nenhum movimento em direção a ela. Seus olhares se colidiram e seus olhos escuros cintilaram com uma fome interior, claramente queimando a falta de seu corpo. Uma leve brisa arrepiou seu cabelo, levando o cheiro de ânsia atado com testosterona. Encheu seus pulmões e seu nariz chamejou, respirando profundamente o perfume inebriante.

Abaixando sua cabeça com seu olhar ardente, mergulhou o dedão do pé na água fresca, fazendo ondulações e mais uma vez olhou para ele. As mãos de Eliza tremiam quando ela agarrou o cinto de coro cru que segurava sua saia no lugar.

Ela tinha assistido a ele em seu banho em muitas ocasiões. Ela tinha visto os outros também, mas agora ela não podia recordar nenhum deles. Sua perfeição masculina dispersava seus pensamentos. Ela tentou falar, mas ao invés som de um tragar estourou de sua boca. Lambeu seus lábios secos.

—Venha, minha princesa. Venha para tomar o que quiser. —Sua voz profunda estava áspera, mais áspera do que ela lembrava.

Com um braço estendido, ele a chamou para seu lado. Ela estava fascinada, hipnotizada com os músculos vigorosos de seu tórax e braços ondulados.

Não forme um laço com o doador da semente.

As palavras repetidas da mãe mais velha em sua cabeça. Como ela foi pegar o que queria de um macho tão poderoso? Ela sabia que a carne era fraca com os machos, mas isso não apareceu muito com ela. O tamanho de seu bíceps rivalizou com a de sua coxa. Era evidente que forçá-lo não era opção. Finalmente, conseguindo tragar o nó na garganta, ela inclinou a cabeça arrogantemente, desatou a saia e a deixou cair. Com os pés ligeiramente separadamente e joelhos bloqueados, ela estava orgulhosa, nua diante dele, esperando que ele visse o seu medo. O calor de seu olhar percorreu lentamente de seus seios até a virilha e teve em punho suas mãos para impedi-la de cobrir sua nudez. Seu olhar chamejou de volta para sua.

—Sua beleza se compara a de uma deusa. Venha para mim. —Sua voz sedosa comandou e a seduziu. Depois de um momento, ela mergulhou de cabeça primeiro na entrada na água.

* * * * *

Burton quase ficou de joelhos em sua perfeição. Ela era mais bonita do que ele lembrava. Alta e ágil, com músculos tonificados e apertados. A pele em baixo de sua saia estava pálida, mas o resto de sua pele era dourada pelo beijo do sol. Com um ninho entre suas coxas macias e lustrosas. As coxas, que logo separaria para por sua boca e pênis. A respiração veio desconfortável, mas ele não podia permitir a ela ver isto. Quando ela desapareceu em baixo da água, ele fechou seus olhos por um momento, reunindo sua força. Ele precisaria de todo seu controle, se não arruinaria a única oportunidade e poderia já ganhar sua confiança e conquistar seu coração.

Sua cabeça apareceu na superfície da água um pé de onde ele estava preso no lugar. Ela arrogantemente o enfrentou, desafiadoramente, seus olhos azuis que relampejaram com medo e o que ele esperava que fosse desejo.

Seus longos cabelos penteados para trás de seu rosto revelaram perfeitamente até mesmo características.

—Você sabe por que eu estou aqui. —Suas palavras eram uma declaração mais que uma pergunta.

Ele encontrou seu ansioso olhar e acenou sua cabeça em reconhecimento quando ele deslizou mais perto dela. Ele parou antes de alcançá-la.

—Você me dá sua semente de boa vontade? —Ela perguntou, seus olhos arremessaram longe quando sua língua serpenteava para fora, nervosamente lambendo os lábios. A necessidade roeu sua barriga com o movimento errante. Seu sangue rugiu por suas veias e aumentou sua transpiração quando pontilhou seu lábio superior e ele desejou que a água fosse alguns graus mais fria.

Bruton bufou na sua pergunta.

—Você acha que poderia tomar minha semente à força? —Uma imagem relampejou diante de seus olhos. Nus e apostou que o jogaria no chão e seu pênis ficou rígido para cima, como uma audaciosa bruxa estava preparando para montá-lo. O calor líquido inundou suas veias com o pensamento e depressa baniu isto de sua cabeça antes dele fazer algo que pudesse lamentar.

—Existem várias maneiras. —Sua voz sedosa tocou assolando com seus nervos quando ela tentou retratar uma confiança que não possuía.

—Caminhos que eu duvido que você saiba ou não é capaz de tentar sozinha. Mas não tenha medo, eu permitirei a você ter minha semente. —Seus olhos abaixaram para os globos cheios de seus peitos superiores. —Vou colocá-lo no fundo de seu corpo onde está certo que germinará.

Um gemido escapou de seus lábios antes dela comandar:

—Vamos para a praia então, terei sua semente agora e estará a caminho.

Seus lábios formaram uma risada de Bruton.

—Isto não é bem o que eu imaginei de você. —O pequeno diabinho pensou que ele iria bombear sua colocação nela sob comando. Obviamente, estava acostumada a dar ordens. Ela aprenderia a submeter a ele, corpo e alma.

—Por quê? Você consegue o que quer, uma disposta fêmea para poder bramar e conseguirei o que eu quero. —Quando ela falou, se moveu mais perto da orla, a água mais rasa uma vez mais exibindo a fruta deleitável de seu apertados seios. Eles eram firmes altos e cheios, pronto para sua língua. Bruton tragou profundamente.

Chegando mais perto, ele levantou uma mão e se moveu até ela e viu a água e arrastou a ponta do mamilo saliente. Um suspiro surpreendido escapou de seus lábios. Sua pele corou a ponto do pulso visível em sua garganta vibrava. Desejo agitou o seu sistema, seu pênis esticou o seu comprimento entre. Ele avançou um pouco mais perto e a cabeça de seu pau escovou seu estômago mais abaixo. Sua respiração silvou de seus pulmões. Ele deveria ter o controle.

—Você não tem nenhuma idéia do que eu quero ou até do que você quer.

—Se você não quiser, eu posso achar outro. —ela soprou e deu meia volta. Suas palavras o irritou e pegou em seu braço, diminuindo o espaço entre eles. As pontas de seus seios pousaram em seu tórax e o comprimento faminto de sua estimulação picou a pele sedosa de seu estômago enquanto ela lutou contra ele. Um grunhido retumbou em sua garganta, a bruxa estava empurrando ele para muito longe.

—Não existirá outro. —Imediatamente, ele soltou seu aperto, pulando sua reação aquecida não tivesse confirmado a sua imagem dele como um bárbaro sádico. Ele não quis dizer perder seu temperamento, mas o pensamento dela com outro ferveu seu sangue já aquecido. —Você quer minha descendência?

—Sim, mas tudo isso não é necessário. —Eliza pareceu duvidosa, e ele passou uma mão ao longo da pele sedosa de sua bochecha.

—Eu quero isto. Você terá isso, se apreciar nossa união.

Ela tocou em seu abraço e seu galo deslizou junto sua carne suave. Ele rangeu seus dentes para suprimir o desejo em chamas até arrastá-la para a orla e enterrar seu galo em seu corpo virgem. Tinha sido há muito tempo desde que ele conheceu o calor de corpo de uma mulher.

—Eu não preciso de nenhum prazer, só sua semente. —Seus olhos brilharam e seus lábios tremeram, que temeu que ela estivesse em pânico.

—Agradavelmente é o único caminho para conseguir minha semente e agora mesmo você, não é!

* * * * *

Eliza deixou-se relaxar em seu abraço. Ela submeteria a esses costumes bárbaros de acasalamento e tentaria conseguir o que ela precisava. Os braços mais grossos do que vinhas, facilmente a ergueu como se ela fosse uma pequena mulher. Sua pele quente apertada firmemente com a dela enquanto ele roçava a sua varra em seu traseiro. Ela estremeceu nervosamente. O tamanho e a força do Bruton a fizeram parecer delicada pela primeira vez que pôde lembrar. Ela tinha orgulho de sua altura, os músculos torneados e sua força, mas pela primeira vez era um prazer ser mais fraca, mimada.

Quando chegaram a orla da praia, ele a deitou suavemente no chão. A grama estava fresca que veio contra sua pele nua, mas ela deu pouca atenção. Bruton permaneceu em cima dela, nu e ferozmente excitado.

Suas mãos descansaram na cintura magra e sua varra poderosa surgiu de um arbusto enrolado de cor da meia-noite, sobe a qual pendia o saco de sementes pesado. Ela inconscientemente lambeu seus lábios. De pé acima dela, ele parecia um Deus pagão, o Deus de guerra.

Seus olhos brilharam para sua ereção grossa e saliente. Ela não imaginou o seu tamanho. Tão potente, um bastão, ele poderia ser o deus do amor. *Existia um deus da luxúria*?

Ela se perguntou quando seu núcleo pulsou e amorteceu. Ela estava inquieta, mordendo o seu lábio inferior retendo seu gemido. Seguramente, tal pênis faria um dano irreparável. Ela engoliu de volta um protesto. Era seu dever abrir as suas coxas para ele. Ela impacientemente separou suas pernas debaixo de seu olhar fixo escuro, intenso. Era seu dever aceitar seu pênis dentro de seu corpo. Um calafrio de antecipação subiu até a espinha. Seus olhos cintilaram com o bárbaro grosseiro. Era só seu dever, ela disse a si mesma.

Bruton foi ao chão próximo a ela, ficando ao seu lado. Ele tirou o cabelo molhado de seu rosto e ficou surpreendida por notar um leve tremor da mão.

Por que ele está nervoso por me dar a sua semente? Ela perguntou-se.

Os olhos marrons encheram com o calor de paixão a prendeu no lugar. Ela não podia mover, não quis se mover. Tragou profundamente e girou seus olhos para a distância, incapaz de segurar seu olhar um momento mais longo.

—Talvez fosse melhor simplesmente acabar logo com isto.

—Shh, você não tem nenhuma idéia do que está dizendo. —Seu tom era tão gentil enquanto sua mão foi a sua bochecha. Ela ficou surpreendida. Embora seu pênis escovando completamente a coxa dela e não pareceu que iria correr e perfurar sua virgindade. Pensou que ele iria cair nela na primeira oportunidade. Os anciões insinuaram que o único uso de um bárbaro era ter uma mulher e para meter o seu eixo o mais rápido possível.

—Eu entendo que não é n-necessário... —ela gaguejou acima das palavras, odiando sua própria incerteza. Seu corpo traiçoeiro queimou em seu toque, mas quieta temeu o que estava por vir. E sabia que existiria dor, mas como uma sacerdotisa, aprendeu a ignorar dor. Ela temia o desconhecido, o sentimento caótico assolou em seu corpo. A sensibilidade de seus seios, a batida de seu coração e a umidade incomum entre suas coxas, deram pausa a sua mente atormentada.

Ela não soube a razão para quaisquer destas doenças. Só uma vez antes de teve tais sensações devastadoras em seu corpo, que foi há dois anos atrás, no braços deste homem, quando tinha agarrado a ela e Tasha quando eles iam ao seu banho.

—Você pode saber do que é necessário, mas você não tem idéia do que é preciso. Não ainda de qualquer forma. —Quando ele falou estas palavras, abaixou sua cabeça até que seus lábios escovou sua bochecha e orelha. E mordiscou o lóbulo antes de sua língua ser arremessada no ouvido. Eliza saltou, surpreendida por sua ação e formigou consciência deu um tiro de carícia por seu sistema. Fechando seus olhos, ela começou a cantar em sua cabeça.

Eu não apreciarei isto. Eu só tomarei o que eu preciso, não! Exigir se necessário.

—Abra seus olhos. —uma voz funda, aveludada ronronava em sua orelha e um calafrio viajou a sua espinha diretamente para seu núcleo.

—Não. —Ela negou com a cabeça, seus olhos firmemente fechados. E tensa, tentou, em vão, conter a fúria de emoções errantes em seu corpo.

—Por quê? Você tem medo? —Ele soltou um desafio.

Capítulo Dois

Os olhos como céu azul se abriram.

—Eu nunca tive nenhum homem mortal, nem mesmo um bárbaro.

Bruton abafou seu riso e de algum modo ela moveu um pouco. Ele soube suas debilidades e suas forças. Ela recusou mostrar qualquer debilidade na frente de um macho. Ele sabia que para tê-la como sua companheira acabaria com ele até certo ponto. Ensinar a submeter as suas vontades e suas necessidades, de um modo para não destruísse o coração independente que batida dentro desta mulher. Sua tarefa provaria difícil, mas não impossível. Por sua reação a ele, percebeu que estava profundamente atraída por ele, embora não possa saber disto ou admitir para si mesma. Impulsos naturais, sexuais guerreados com os ensinos de seu coven. Inclinado mais para perto, deixou seu corpo roçar no dela e o toque de sua carne estava eletrificando. Ele pensou com as outras vezes no passado, mas nunca teve sua pele tão desperta em apenas um roçar da pele. Fechou seus olhos, gemendo interiormente, isto seria o teste mais ardente que seu controle poderia ter.

—Talvez nós devêssemos fazer esta em uma posição mais tradicional. —As palavras suavemente faladas caídas de seu lábio.

Posição tradicional!

Subiu as sobrancelhas. O que ela consideraria uma posição tradicional? Ele supôs que desejasse que estivesse em cima, no controle da situação. Embora apreciaria imensamente o montando, ele podia ver seus peitos saltando como sua envoltura apertada deslizou de cima abaixo seu galo rígido. Mas, pensou que não seria a melhor posição para sua primeira vez.

—Que posição seria essa? —Ele sussurrou em sua orelha, antes de beliscar seu lóbulo.

Seu corpo endureceu.

—Acredito em que eu estaria com minhas mãos nos joelhos, enquanto você atrás de mim. —Abaixou sua cabeça, incapaz de encontrar seu olhar enquanto suavemente murmurou as instruções. Ele piscou com divertimento com a imagem vívida em sua mente. Rindo caladamente para ele mesmo, e sorriu. Ele deveria saber. Seu clã quis que ele a tomasse como um animal, montasse nela como se fosse uma cadela no cio.

De tal forma para a eliminar intimidade, sem entrar em contato com os olhos, sem beijos, nada com exceção do acoplamento de virilhas para entregar as suas semente. Ele balançou a cabeça em desgosto com os ensinos dos Liberians, e chamavam seu clã de selvagens. A posição escolhida não era desagradável, mas não era o ideal para o primeiro acoplamento também. Não, esperava mantê-la ao seu lado o tempo todo. Não, a possuiria mais gentil que pudesse para iniciar uma virgem no ato de fazer amor.

—Eu não penso que esta seja a melhor escolha para nossa primeira vez.

—Primeira vez. —seu tom suave lançou um tom estridente.

—Levará muitas... muitas vezes para me satisfazer, e para satisfazê-la. —Ele balançou sua cabeça para encontrar seu olhar enquanto seu polegar deslizava no lábio inferior.

* * * * *

Chupando seu lábio inferior em sua boca, ela mordeu a carne tenra. Eliza assistiu o bárbaro mais de perto, com faíscas minúsculas de chamas surgiram junto por sua pele. Sob o olhar pesado do bárbaro, sentiu as correntes também. Deve ser parte de um dos artifícios dos soldados bárbaros. Ela soube de seus truques, os coven a advertiram. Ela deveria manter sua mente segura e permanecer no controle da situação.

—Eu exijo só sua semente não... —O resto de suas palavras foram perdidas em sua boca. Se um raio a tivesse pegado, não teria sentido nenhuma carga. Lábio suave ainda firme cobriu a sua e calor rastejou por suas veias. Sua língua foi através de seus dentes antes de mergulhar em sua boca. E gemeu na invasão doce, seus dedos escavados nos cabelos dela, para prender a atenção firmemente, então suas mãos não vacilaram. Seu corpo significativamente aliviando acima dela, sua pele escovou tórax até o pescoço nu. Sua coxa aterrissou entre suas pernas, ela involuntariamente curvou contra ele e sua carne tensa bateu em suas dobras tenras.

—Pela Deusa... —ofegou. Isto estava seguramente errado. Alguns rituais devem ser proibidos e deveria parar. Involuntariamente arqueou novamente. E gemeu em sua boca, logo acharia a força para parar esta loucura.

—Sim. Você sente isto também. É mais doce que seiva, mais quente que dois sóis do Barbar. —Sua língua arrastou um caminho na linha da mandíbula.

Era uma certeza que isto estava escrito no credo de como não fazer. Nenhuma boca se tocando, nenhum dos corpos se tocando, não usar a boca em qualquer parte do corpo, só o acoplamento nos órgãos genitais para a entrega da semente. Seu odor almiscarado inflamou a ela e gemeu quando seus lábios a encontraram uma vez mais.

—Bendito seja. —ela murmurou, suas mãos apertaram no cabelo. E não viu o dano que estava em uma transgressão deliciosa, desde que obtivesse sua semente. Quando desceu seu corpo ficando completamente acima da sua, percebeu a loucura de sua cumplicidade. Sua nata deslizou suavemente junto da sua espessa coxa e a vontade de resistir desintegrou.

Ela ofegou contra seus lábios, chupando a respiração de seus pulmões. Arrancando cada grama de resistência, ela jogou tudo pro alto e agarrou seus bíceps. A grama tremulou ao redor eles, pegando para sua carne úmida, aquecida, mas eles não notaram. Os músculos de seus braços dobrados grandes e duros em seu aperto, mas sua pele era tão lisa e morna. Seus dedos eram gloriosos em sua descoberta da sua pele tão sedosa e firme. Mesmo enquanto apreciava, ela soube que deveria empurrá-lo longe. Da mesma maneira que deveria separar seus lábios, remover seu peito com pêlos sedosos faziam cócegas conta o seu e sua coxa esbofeteou a carne tenra entre suas pernas. Sua mente dispersou com a mudança dos ventos.

—Deusa doce, ajude-me. —ela pleiteou como seu sangue bateu como uma tatuagem ensurdecedora em seu ouvido.

* * * * *

Retirando a ele mesmo mais distante, rosnou na tortura primorosa. Seus peitos eram uma almofada deliciosa para seus seios e suas coxas embaladas no galo dolorido em um morno casulo, como se feito só para ele. Seu pênis era duro e pesado, picando contra o território de virgem. Ela estava disposta e tinha esperado por muito tempo. Friccionando seus dentes, forçou a ele mesmo diminuir a velocidade. Não estava lá indo de qualquer maneira.

—Bruton, nós precisamos de… —seu apelo arrastou as cordas do coração.

—Eu sei. —Ele sorriu e balançou sua cabeça antes de abaixar sua boca para um seio maduro. Ele não podia resistir os cumes tentadores por mais tempo. Sua língua sacudiu um caminho tórrido através da carne pálida para o mamilo seixoso. Inalando profundamente, o sabor da luxúria inundou seus sentidos. Apertou sua mandíbula para controlar o fluxo da necessidade.

—Não. —ela chorou, lançando sua cabeça. Uma das mãos em seu cabelo, arrancando persistentemente.

—Sim. —Descansou seu peso nos braços, sua mão direita rapidamente alisando sua cintura para a abundância de seu seio. Testando o peso e textura em sua palma, ele achou isto perfeito quando juntou os globos pesados para seus lábios.

—Não, não devia existir… Por favor… Nenhum contato. —Suas palavras negavam, mas suas costas curvadas debaixo de sua possessão, buscando as sensações seu toque a despertou.

Ele riu de sua inocência.

—Tudo é e uma questão de contato e beijos. Eu vou te tocar, lamber, chupar todas as partes de você antes de te encher.

Ela choramingou quando sua respiração morna abanou seus peitos desnudos.

—Não é certo…

—O que, não está no credo da bruxa? Você está em meu reino agora e o seu credo que se dane. Eu me vou divertir nisso e você irá também. Lembro de suas mãos acariciando meus braços um tempo atrás e acho que você fará mais que isso antes de nós estarmos fartos. —Ele moveu seu pau contra seu quadril para enfatizar suas palavras.

—Eu estava tentando empurrar você para longe.

—Huh, eu achava que você era mais forte. Se isso era seu melhor esforço, estou desapontado.

Com força considerável, ambos suas mãos bateram em seus ombros, erguendo ele fora em algumas polegadas, mas sua boca não perdeu contato com o mamilo que tinha retornando a amamentar. E apertou de volta até que seus braços até que tremiam de tensão. Ele não queria machucá-la, mas precisou impressionar para que fosse mais forte. E curvaria para sua vontade, nesta e em todas as coisas. Ela empurrou mais uma vez, colocando toda sua força. Um grunhido escapou seu lábio. Ela era bastante forte para uma fêmea, mas recusou a se mover.

—Isso é melhor. Em um macho fraco você poderia ter chance. —Sua força e tenacidade alegrou a ele, teriam filhos e filhas fortes.

—Não é justo, mas não preciso de força física. Tenho outros poderes.

—A vida não é justa. É justo já que deseja roubar minha semente e me manter longe de minha criança? —E não pode conter a amargura de suas palavras. A vida não tinha sido justa para ele ou qualquer um.

Desde que as mães mais velhas separaram o clã, formando um reino só de mulheres, tudo mudou. Não permitiria o destino separar eles novamente. Agora controlaria seu destino. Com o tempo, a faria perceber que pertencia em Barbar, aqui com ele.

—Você concordou em me dar sua semente.

—Eu concordei. —Concordou em dar sua semente, mas nunca concordou em deixar ela partir com isto. Ela não era uma negociante experiente e não entendia que você não pode levar tudo ao pé da letra. Como sua força acabou, ele colidiu de volta abaixo nela, mas ele suavizou o choque com seus braços.

Aninhando seu pescoço, ele sussurrou:

—Eu darei a você minha semente, suficiente para dez sementes juntas, mas ele será feito ao meu modo.

* * * * *

Ela tremeu debaixo de seus lábios e sua língua perversa. As anciões estavam certas, os bárbaros realizavam magia em seu toque e rápido, línguas de prata. Nunca para correr na face do perigo, e inalou uma respiração trêmula. Eliza considerou suas opções. E não tinha muitas. Ela poderia lutar e ele ganharia ou podia ceder e ele ganharia, mas de qualquer modo teria sua semente, então verdadeiramente seria a vencedora.

—Faça o que quiser, e ainda terei o que eu quero.

—Ambos teremos. —ele murmurou quando sua boca rapou mais uma vez com sua. Separando seus lábios, colocando a língua entre seus dentes, enchendo sua boca, enchendo seu corpo com necessidade.

Ela choramingou. O horror a encheu por mostrar a debilidade por um mero bárbaro. Se permitisse, ele dominaria até sua alma.

A agressividade ganhou muitas batalhas. Uma mudança tática apareceu mudar o curso em sua direção. Sua língua duelou com o dele, suas mãos acariciaram os contornos poderosos de seus ombros, contato dos músculos em baixo de suas mãos. A carne quente ondulou contra ela e quis se divertir em seu toque e por que não? Por que não devia apreciar isto desde que recebesse sua colocação? Que diferença faria? Seus braços serpenteados em cima, embrulhando ao redor seus ombros largos, suas mãos deslizaram em seu cabelo, enfiando nos fios sedosos.

Os braços fortes apertaram mais para ele e seus ossos derreteram em baixo dele. Abrindo mais sua boca, deu boas-vindas a língua em uma penetração mais funda, sensual. Sua boca tinha um sabor ligeiramente de rum, era tão delicioso quanto pecado devia ser. E estava certa de que podia ficar viciada no gosto e sentir sua perversa língua.

O calor a envolveu, estava muito quente, mas sua carne tremia como se estivesse gelada debaixo de seu áspero bárbaro. Dolorida em lugares mais misteriosos, se movia, inquieta embaixo dele, buscando suavizar a ânsia de seu toque mexendo fundo dentro de sua alma. Por mais que tentasse, não pôde resistir a atração de seu toque, o gosto de seus lábios.

As pontas dos dedos arrastaram sua coxa mais abertas, persuadindo ficar mais íntimo, e de boa vontade ela concordou. Erguendo sua perna, e embrulhou isto ao redor seu quadril, deixando seu clitóris molhado, aberto e vulnerável a ele. Ele moveu sua carne, um calor abrasador, contra suas dobras tenras.

Os bárbaros são enganadores.

O credo disse que era isso.

—Dane-se o credo. —murmurou enquanto ele beijava abaixo de sua garganta.

* * * * *

Os lábios de Bruton subindo contra sua carne. Suas palavras revelaram sua batalha interna do desejo contra o dever. Coube a ele ver aquele desejo governando acima do dever. Nenhuma batalha já tinha sido tão importante. Ele enfrentou oponentes com maior força física, mas nunca teve uma que dependesse do resultado. Sua vida, sua alma dependia desta batalha tumultuosa.

Sua mão achou a suavidade de seu peito uma vez mais e seu dedo polegar beliscou o mamilo expandido. Seus pequenos gemidos, gemidos de prazer estavam despertando, quase tão excitante como suas mãos aprendendo a textura de suas costas. Suas paixões o mexeram profundamente. Quando suas mãos acharam suas nádegas e apertadas, quase perdeu o controle da batalha e se sacudiu com seu próprio ardor. Seu membro dolorido, suas bolas apertadas na falta de libertação. Ele lutou uma guerra dentro de sua própria mente. Uma parte dele quis empurrar dentro de seu canal quente, molhado e terminar com o tormento, e outra parte soube que ela precisava de tempo.

—Oh sim, Eliza, toque em mim. Deixe-me sentir suas mãos em meu corpo. Mostre a mim quantas dores de seu corpo sente pelo meu.

Alcançando seu peito com a boca, sua língua rodou em torno do mamilo, seus dentes beliscando o mamilo. Ele amamentou cordialmente no broto e suas mãos pegas ambos os lados de sua cabeça. Ele pensou que ela queria empurrá-lo para longe até que sentiu girando em baixo dele. Amamentando sofregadamente em um peito e então o outro, ele olhou ao seu rosto, assistindo sua expressão extasiada. Ele moveu sua coxa entre suas pernas, apreciando o quão molhada estava por ele. O odor doce da luxúria o chamada. Ele esbofeteou seu úmido clitóris com sua perna, arreliando seus sentidos inflamados. Sua respiração engatada em sua garganta.

—Misericórdia. —ela implorou. Seus olhos rolaram, e os lábios abriram em um suspiro. —Bruton, ajude-me… —quando ela contorceu debaixo dele. —Eu preciso… Por favor…

Ele não poderia ter ficado mais feliz, até que um pensamento o atingiu. Tanto como ele quis ignorar isto, o pensado importunado nele até que ele teve que satisfazer sua curiosidade. —Abra os olhos, olhe para mim.

* * * * *

Através dos lábios entreabertos tentava recuperar o fôlego, abrindo seus olhos, ela olhou para o dominante, assomando macho.

—O quê? —Ela chorou, não querendo superfície da profundidade de êxtase submergindo a sua mente. Pela primeira vez, ela começou a se preocupar. Ela pensou que sabia do por que sua amiga Tasha ficava com um bárbaro. Como as anciãs deram as costas para a raça masculina e foram embora? Sem dúvida, eles eram bárbaros. Eles provavelmente bebiam cerveja demais e faziam bagunça do chalé.

No entanto, estes sentimentos, não fizeram isto valer a pena? Será que eles não quiseram ser doadores de sementes, ficar na cama até tarde e apreciar essa união com eles todas as noite, saborear a paixão que ela estava só começando a vislumbrar?

Ela iria perder este corpo duro, masculino, com odor almiscarado que provocou a despertar os seus sentidos. Ainda que se ela quisesse, não poderia ficar com seu doador de sementes.

Ela era a futura Sacerdotisa de Liberian e seu coven precisava dela. Elas precisaram da descendência que este homem daria a ela. Seria forte para seu clã, e não teve nenhuma escolha.

—Você sabe quem eu sou? Você sabe quem está agradando seu corpo? —Uma voz áspera com necessidade raspando uma pergunta estranha.

—Bruton. —Falou soando fraco para seus próprios ouvidos.

—Sim, Bruton. Eu quero que você saiba quem sou eu. —Quando ele falou estas palavras a ela, trocou sua posição, espalhando suas coxas para ajoelhar entre eles. —Eu quero que você saiba quem a levará ao paraíso.

Eliza não podia controlar o calafrio que se espalhava por todo seu corpo enquanto ele roçava o seu pau para sua possessão. E sentiu a espessura do pênis sondando sua entrada e arqueou, doendo por isto. O clitóris pulsava de um modo que era tão estranho para ela enquanto a umidade saía de sua vagina. As anciãs disseram poucas coisas para se preparar a este momento. O que elas disseram tido nada a ver com prazer, só dor e dever. Eliza temeu que algo estivesse errado com ela, não devia achar tal alegria nos braços do bárbaro dominante, mas ela fez.

Seu comprimento quente arrastou suas dobras molhadas. A cabeça carnuda pressionando contra o ultra sensível lugar e arqueou o clamado.

—Bruton. Misericódia, Bruton… Por favor…

Seu aquecido olhar subiu até onde seus corpos quase se juntaram e a prendeu no chão.

—É seu o ponto doce que eu achei, com folículos de nervos que farão que você implorar para ser liberada. —Seu pênis pressionou no lugar repetidamente e ela lutou para colocar ar em seus pulmões.

Ela lambeu seus lábios e embrulhou suas pernas ao redor ele, tentando forçar sua possessão. Ela poderia viver lamentando, mas nesse momento aceitou tal êxtase, não pensaria sobre isto.

—Leve-me, Bruton. Leve meu corpo e me dê a sua semente.

Capítulo Três

Uma estaca em seu coração não podia ter sido pior em suas palavras. Ela queria apenas sua semente? Antes, quando arqueava contra ele, seus olhos fechados, gemendo em encanto, ele temeu que outro a tivesse tocando. Esta era a sua primeira vez que tinha buscado sementes. Ele soube que era virgem, mas não podia deixar de se perguntar se outro já teve seu corpo com seus lábios e mãos. Possivelmente, receber prazer e conforto nos braços de outro homem. Pensando nela com outro, seja ele homem ou mulher, não se ajustava bem a ela. Seu coração doeu em pensar que pudesse sentir algo por outra pessoa. Queria que desejasse mais do que só sua descendência.

—Você quer a minha descendência? —Puxando-a de volta, sua respiração levantou.

—Sim. —Fechou seus olhos e movimentou a cabeça enquanto mordiscava seu lábio inchado.

—Você me quer? —Ele lutou controlar o timbre de sua voz, pouco disposta a parecer vulnerável e necessitado para este fêmea.

Uma carranca desenhou suas sobrancelhas juntas.

—O que você quer dizer?

—Vou dar a você o paraíso, mas não vou dar a minha semente… Não ainda.

Enquanto falava, ela abaixou a cabeça.

—Me olhe agradando você. —Imaginou os seus rechonchudos lábios brilhando com seus sucos e rosnou em sua garganta quando sua boca posou polegadas acima de seu centro aquecido. Não podia mais esperar a saborear sua doçura. —Eu beberei de sua nata doce e achará o êxtase.

Seus lábios tocaram em seu montículo, entre os lábios molhados, buscando o clitóris escondido em suas dobras doces, úmida.

Ela ofegou e puxou seu cabelo.

—Pare. Não é certo para você me saborear. O que está fazendo comigo?

Ela cheirava a mulher, inocente ainda despertada, e com o sabor do néctar mais doce. Seu galo dolorosamente pulsou. O sabor delicioso quase o fez derramar semente no chão. Sua língua achou seu centro aconchegado no caroço de sua feminilidade. Quando ele tomou a carne estendida entre seus dentes, seus quadris foram diretamente para cima.

—Bruton. Pare com esta tortura. —Lutou, mas se entregava e não mais tentava puxá-lo para longe.

Erguendo sua cabeça, encontrou seu problemático olhar.

—Você não tem nenhuma experiência nisto?

—Não, eu sou uma coletora solteira. Eu pensei que você soubesse. —Ela respondeu sem fôlego. Seus olhos estavam cheios de maravilha surpreendida e um rubor escuro florescido em suas bochechas.

—Sim, mas o que outros prazeres você experimentou?

—Nada. —Ela respondeu por ingenuidade como seus olhos arremessados longe.

—Você não tocou e beijou, possivelmente com outra... Mulher.

—Não. Como você podia perguntar uma coisa dessas? —Seu tom chocado de voz o deixou sem nenhuma dúvida da verdade.

—Isto não é o modo de seu conselho? —Seus olhos estreitados, estudando sua reação.

—Não. Pelo menos não… Não. —Ela agitou sua cabeça veementemente.

—O que você não está dizendo? O que é que esconde de mim?

Ela mastigou seus lábios nervosamente.

—Eu… —Ela passou sem tocar sua garganta. —Uma vez eu toquei a mim mesma entre minhas coxas. —Com os olhos abaixados, de pestanas longas escovando suas bochechas enquanto fazia sua confissão inocente.

Um sorriso veio nos lábios. Ele não podia acusá-la por isso. Ele tinha acariciado seu pênis para sua conclusão muito mais que uma vez e mais freqüentemente com seu rosto bonito em sua vista.

—Isto é normal... Você não tem que ter vergonha.

—Mas eu nunca não iria fazer isso com outra pessoa do conselho… Eu não sei sobre as outras.

—Hmm, acho que nem todo o conselho prefere mulheres como amantes e nem todos os machos são brutais ou abusadores de mulheres. —Seus olhos correram o corpo dela e foram até o rechonchudo lábio vaginal. —Alguns de nós apreciam dar prazer as mulheres... É um prazer para nós também.

Seus ombros espalham mais as coxas. Palmando sua parte inferior suavemente arredondada, e abaixou novamente. Ele quis mais de sua nata penetrante. E lambeu, amamentou. Divisão dos lábios internos, lambeu suas dobras, achando-a apertada, virgem. Perfurando a abertura com sua língua, seu dedo polegar raspou em seu centro.

—Não… não. —Eliza chorou, resistindo contra sua boca, dirigindo sua língua mais funda. Seus músculos internos ondulados ao redor sua língua e ele empurrou mais rápido. Suas coxas se tremiam juntas em sua cabeça. E apertou suas pernas juntas e resistidas, poderia afogar em sua essência luxuriante, penetrante.

—Pela Deusa. —ela arquejou enquanto seu corpo desistiu da luta e suas coxas caíram abertas. Seu olhar chamejado, encontrando seus olhos nublados. Ele lambeu suas dobras tenras, bebendo de sua nata, saboreando o deleite carnal.

* * * * *

Ela ofegou para respirar quando seu corpo tremulou descendente de uma altura intensa. Choramingando debaixo de sua boca atenta e implorou que ele parasse. Ela podia não tomar não mais de sua tortura doce. Não obstante, parte dela, uma parte não reconheceu, nunca quis que o prazer terminasse.

—Bruton. —Ofegou com as coxas tremendo e começaram novamente até que apertou ao redor ele. Sua boca e língua fizeram coisas que nunca pensou possível. Assustador, despertando sensações que começam a vibrar por ela. E chorou, por estar fraca, incapaz de resistir o toque de seu bárbaro.

Eliza gemeu quando seus olhos caíram sobre ele, saboreando entre suas coxas. Os olhos ferozes cintilaram enquanto sua língua e boca sondaram e picaram. Sua língua localizou cada dobra e sacudia em um lugar tão sensível que pareceu um nervo cru.

O tempo todo, seu olhar nela, afirmando seu domínio. A visual da dança proibida de sua boca nela era demais e apertou seus olhos firmemente fechados. Ele prometeu êxtase e entregue. Que agora pareceu determinado para ultrapassar até isto.

Respirou asperamente quando a tumultuosa fervida dentro dela, floresceu por completa força. Ela estremeceu e pulsou, irrompendo como sensação quente branca despejada acima dela, difusão sua genialidade. Como pétalas de uma flor, ela murchou debaixo dele, esgotada e cheia.

E a aproximou suavemente em seus braços e ela enterrou seu rosto em seu tórax, não querendo que visse as lágrimas de debilidade em suas bochechas. Os tremores ainda agitaram seu corpo cru.

—Shh, está tudo bem. —Sua respiração misturada com seu odor abanou seu rosto como ele ternamente alisou seu cabelo para trás. Com uma fundava, Eliza se afastou. Ela não pôde lembrar a última vez que chorou. O embaraço inundou suas bochechas enquanto olhava o bárbaro, desejando que estivesse em qualquer lugar, mas aqui, próximo a ele.

—Que… eu…

—Foi sua primeira vez. É forte a emoção, é compreensível surpreender você. Nunca achou satisfação com sua própria mão?

Calor floresceu em suas bochechas. Sua própria mão trouxe pouco prazer. E uma única vez, depois que o encontrou no rio e a deixou devastada em necessidade. E tentou sem sucesso aliviar a ânsia de seu corpo inexperiente, mas ao invés disso chorou até dormir.

—Não. —Ela agitou sua cabeça. —Eu não sabi… O prazer foi inesperado que… Eu não posso acreditar que você pensou que eu podia fazer isso… Com uma mulher.

—Existem coisas que só um homem pode te dar, mas existem coisas que uma mulher pode dar a você de uma maneira melhor.

—Eu não posso imaginar deixar uma mulher fazer isto, não sei se poderia deixar outro… —Eliza apertou seus lábios para parar a confissão saindo de seus lábios.

—O que você estava dizendo? —Suavemente cutucou, seu lábio curvando em um sorriso.

—Nada. —Ela agitou sua cabeça, pouco disposta a responder.

A mão ergueu seu queixo e o rosto encontrou o seu olhar.

—Não pode deixar de imaginar com um homem fazer aquilo por você.

—Eu não disse…

—Shh. —Colocando um dedo em sua boca, ele silenciou suas mentiras. —Nós não precisamos de mentira entre nós. E não deixarei outro homem tocar em você. —Seu dedo polegar alisou por seu lábio. —Não. Nenhum outro homem nunca saberá sua doçura. Você é só para mim.

—Não tens nenhum direito sobre mim. —O tom da Eliza era indignado. A atitude de bárbaro dentro do homem começou a levantar sua cabeça dominante. Ele pensou porque tinha dado seu prazer, se submeteria as suas vontades em todas as coisas. Ele podia pensar isso. Mas nenhum homem decidiria sobre mente e corpo, não importa o prazer que tivesse dado a ela.

—Nem pensar. —Seu tom estava um pouco muito baixo, muito tranquilo para seu gosto.

Deitado na grama, relaxando seu delicioso corpo dolorido, ela estudou o macho até que lembrou de que ainda não teve sua colocação.

—Você não cumpriu o nosso acordo. Não tive sua colocação.

—Não se preocupe, estou longe de terminar. —Ele correu uma mão ao longo do comprimento de seu pênis que sobressaía orgulhosamente de seu corpo. Alisando com suas mãos, Eliza se conteve antes de agarrar o tentador comprimento. Seus dedos desejavam tocar no pênis em uma carícia proibida tanto como seu fez com ela. Mas não deveria tocar ou acariciar seu bárbaro. Não com suas mãos ou sua boca, mas nada podia parar seus olhos que amorosamente acariciava seu corpo nu. Eliza nervosamente saiu da grama enquanto observava o fascinante olhar erótico.

—Veja. Posso tocar a mim mesmo para o prazer, como pode tocar a você mesma.

E não resistiu quando suas mãos foram puxadas, colocando elas intimamente nele.

—Mas é mais aprazível tocar um ao outro.

Surpreendentemente, suas mãos descobriram os segredos de sua carne. De aterrorizante logo para admiração a carne tão suave e ainda dura. Sua pele era seda morna, o liso órgão duro, onde seus dedos localizavam acima do seu pau excitado. Sua respiração silvou, seu corpo arqueou quando seu dedo polegar alisou na carne enrugada próxima à cabeça de seu pênis.

—Toque-me. Mostre a mim que me quer. —Seu tom revelou a necessidade, que não ousou olhar para que refletisse a sua.

Ela sabia que isto estava errado, era contra todos os ensinamentos que teve, mas não podia se resistir e explorou à vontade. A cabeça carnosa brilhava como uma pérola de umidade como a que vazava da vagina. Ela se perguntou se isto era sua colocação. Passou seu dedo para a umidade, e teve a noção mais louca de saborear sua essência. Contemplando, ela se debruçou, inalando seu odor. Lambendo seus lábios, e tragou profundamente. Não seria direito saboreá-lo, era muito pessoal, muito íntimo para só um doador de semente. O fato que ela desejou fosse obviamente uma falha em seu caráter.

* * * * *

Um sorriso pecador arrastou em rosto enquanto assistia sua mulher ternamente explorar seu pau. Seus olhos estavam brilhantes, extasiada com a descoberta. E soube que a agradou e viu o calor de desejo queimando mais uma vez em seus olhos. Teve a intenção de prová-la mais, tentá-la mais. Seu futuro dependida disto. Como o calor dos dois sóis neles, exceto Bruton não sentiu a temperatura abrasadora. Interiormente, ele queimou tão quente como raio de sol sem nenhum efeito.

—Se você continuar me tocar, temo que terá minha colocação no chão. —Ele quase gemeu as palavras quando sua mão fechou ao redor dos dedos, provocando-o. Levantando a mão de seu pênis, colocou-o em sua vagina.

—Sinto o quão quente você está... E molhada. Seu corpo deseja minha posse.

Seus olhos se fecharam quando suas mãos deitaram entrelaçando suas dobras úmidas. Deslizando seu dedo no seu interior e ela ofegou.

—Não existe nenhuma vergonha nisso. Não existe nenhuma vergonha em dar e receber prazer.

Seus olhos dilataram enquanto trabalhava com os dedos em suas dobras. E algum dia, ele apreciaria vê-la vir por si mesma só para ele.

—Está na hora. Não posso esperar mais para possuir você.

Ele a colocou embaixo dele, espalhando suas coxas. Ela aberta, linda, lutou para reter palavras de amor. As palavras que ficaram pesadas em sua língua, mas não estava pronta para ouvir.

—Eu estou pronta. —ela ofegou e empurrou mais contra os dedos em suas dobras inchadas, perfurando seu interior apertado.

—Está muito apertada. —E trabalhou com o dedo dentro e fora adicionando o segundo. Ela vacilou e ele suspirou. —Eu preciso te preparar. Não quero te machucar.

Sua nata cobriu seus dedos quando estirou sua envoltura virgem. Seu galo doeu, mas não se apressaria. Tomaria seu tempo, espalhando o suficiente para aceitar seu cinturão espesso. Quando seus quadris começaram a subir encontrar a punhalada de seus dedos, ele julgou seu pronto.

Com ela aberta e o esperando, moveu entre suas coxas. Ele temeu que não tivesse nenhuma idéia do que esperar. Não estava certo que soubesse o que a esperava, do longo tempo que tinha sido, excedida de qualquer experiência prévia de sua vida. Ele nunca tomou um virgem, nunca esvaziava sua semente em uma mulher.

—Existirá dor a princípio. —Disse a ela enquanto cutucava sua abertura com a ponta de seu galo.

—Sim, seu pênis espesso rasgará a mim, dividindo-me e empurrará, daí então sua semente estourará. —Ela exalou uma respiração trêmula. —Sou forte, eu posso suportar isso.

Se ele pudesse ter uma respiração adequada, teria rido. A descrição era horrenda de suas expectativas e não o surpreendeu, mas esperava que pudesse de longe ultrapassá-las. Quebrando seu canal molhado, morno, sentiu sua tensão o sugar. Ele friccionou seus dentes, inalando profundamente. Se não freasse seu fervor, depressa cumpriria suas expectativas. Olhando em seu rosto, ele empurrou adiante em sua profundidade quente, apertada. Seus olhos alargaram, seus lábios se separaram, mas não clamou. Sua mulher abraçou a dor.

Suor despejando de sua sobrancelha em esforço do controle. Sua necessidade era grande, o desejo de empurrar profundamente queimava implacavelmente em sua virilha. Ele balançou seus quadris em uma apunhalada penetrante. Uma choradeira minúscula escapou seu lábio, quase uma clemência.

—Relaxe. Aceite-me em seu corpo, se divirta com nosso acoplamento e juntos nós acharemos o êxtase.

Deu um olhar confiante a ela, mas não podia segurar o olhar. Não estava disposto a testemunhar sua dor quando seu pau a abria. Suas coxas relaxadas, abriram mais para sua invasão e escavou mais fundo, dividindo a carne virgem. Friccionou seus dentes e se retirou do aperto aveludado. Iria machucar e não existia nenhum outro modo, ele era muito grande e ela muito apertada.

Um tremor passou através do corpo e a empurrou profundamente, penetrando sua virgindade.

Sua respiração ofegou, seus músculos se rebelaram, tentando rejeitar a sua posse. Ele hesitou, a última coisa que queria era trazer dor a ela. Quando abriu seus olhos, buscou o seu. Um sorriso tumultuoso e olhos marejados o saudaram.

—Não pare. Bruton, por favor…

Seu corpo fechou ao redor dele, chupando-o mais fundo em seu abrigo molhado, sedoso, ordenhando seu pênis. Seu dedo polegar achou o pulsante clitóris em uma carícia circular. Escavando mais fundo, ele apertou sua mandíbula para reter o lançar. Até ter a certeza que a levaria às estrelas e estourasse em prazer antes dele, explodiria em seu calor de boas-vindas.

—Você é tão bonita. Se você pudesse ver… —Ele olhou abaixo com seus corpos juntos. Seu clitóris estirou largo para o prazer e sua nata cobriu seu pau enquanto empurrava de um lado para outro. Era uma beleza, seu corpo tomando o dela.

Pernas longas, esbeltas embrulhado ao redor ele, puxando-o mais fundo. Suas mãos acariciando seu tórax, os cabelos estirados, puxando-o para o alcance de sua boca voraz. Seus lábios, e a sentiu empurrando a língua em sua boca com punhaladas lentas dentro de seu corpo. Ele estava inseguro se isto era seu modo de tentar dominá-lo, mas não achou nenhuma razão para reclamar. Sua cabeça girou como uma tormenta de sensações.

Saiu de seus beijos e seus olhos azuis vítreos com choque e temor. Ela alcançando o clímax.

—Bruton, eu… —Ela ofegou, incapaz de terminar. Seus seios levantaram mais enquanto buscava respirar.

—Não lute conta isto. Deixe isto a levar. Deixe o prazer levar seu corpo como as nascentes de luas gêmeas. —Ele persuadiu sua mulher ao clímax turbulento. Revirando os olhos enquanto resistia vigorosamente contra ele, enterrando mais de seu pau impossivelmente mais fundo em sua passagem virginal. Seus dentes morderam seu lábio, amortizando um grito de prazer. Suas coxas tremeram, músculos apertaram quando teve espasmos implacáveis ao redor de seu pênis.

Suas bolas gritaram por clemência. E não pode reter seu lançamento por mais tempo, lançou sua cabeça para trás e rugiu em triunfo quando seu pau esvaziou uma carga cheia de semente na profundidade quente.

O êxtase minou sua força e desmoronou ao seu lado. Sua mão achou a sua e deu um aperto suave. Ele arquejou, incapaz de falar, inseguro do que dizer. Tinha acabado de experimentar a experiência mais agradável e sexual de sua vida, mas ele temeu sua reação. Se segurasse sua mão, ela não poderia correr. Se corresse, ela tomaria seu coração. Ofegante, os dois deitados, seus peitos que levantavam do amor frenético.

—Eu suponho que eu deva um agradecimento por… pela doação de sua semente. —As palavras sussurraram tão baixo que não esteve certo se desejava que tivesse ouvido.

A experiência imediatamente mudou sua perspectiva. Ele esperou tanto e tentou não parecer aflito em suas palavras.

—Acho que você não quererá me agradecer.

—Por quê?

—Eu bebi lespie antes de encontrar você. Aquela posição eu tomei você em quase sempre produzi uma criança do sexo masculino. —Bruton não estava certo se alguma mentira ajudasse em sua causa.

—O quê? Você sabe que preciso de uma herdeira. É impossível de qualquer maneira, desde mudança para o reino de Liberian nenhuma de nosso conselho tem gerado uma criança do sexo masculino.

—Você não sabe nada.

—Eu sei sim! —Seu tom era indignado.

—Quantos nascimentos de crianças mortas o conselho teve?

Eliza agitou sua cabeça.

—É uma coisa triste.

—Eles não estão mortos e as crianças eram do sexo masculino.

—O conselho não mataria a um recém-nascido. —Ela se sentou, arrancando a sua mão, enrugando a sobrancelha em aborrecimento.

—Mas mentiriam e mandaram eles para seus descendentes.

—Você é um mentiroso.

—De onde então vêm todas as crianças de meu clã? Muitas coletoras escolheram ficar com seus companheiros, mas muitas das crianças em meu clã não têm mãe. —A ira incandescente queimou seu coração no pensamento dela partindo e tomando sua criança, mas ele lutou permanecer tranquilo.

—Não. Não é verdade. —Seu tom era inflexível, mas seu olhar foi distante, incapaz de encontrar o seu.

—Seu conselho é poderoso, mas não pode mudar o sexo de uma criança... Não com resultados satisfatórios.

—Devo ir e conversar com o conselho. Não foram informadas de tal coisa. —Suas palavras eram verdadeiras e acreditou que não soubesse da decepção que o conselho era.

—Acha que dirão a você? Não. Se você partir e ter um menino, dirão a você que morreu e trarão a criança para mim.

—Não posso… Devo ir. Se isto é verdade…

—Você escolheu vir até a mim de boa vontade. Abriu suas pernas, aceitou minha semente. Agora pensa que deixarei você tomar meu filho. Deixará crescer para ser um inimigo de todos os machos, até mesmo meu. Não. Não posso correr esse risco.

Uma vez que entrou no reino de Liberian, não podia deixá-la seguir.

—Você não teve que dar a mim sua semente. —Finalmente, ela girou o enfrentar. Seus olhos cintilaram com lágrimas presas.

—Mas você implorou muito bem para isto. —E não pôde conter o tom sarcástico que despejadas nas palavras.

—Eu não implorei. —E arrancou sua mão, tentando se ver livre do aperto, mas a apertou em seus dedos, recusando-a deixar.

—Não era minha semente que estava pedindo. Implorou por meu grosso pau, para perfurar seu corpo e por fim ao seu tormento. —Ele se debruçou adiante, entregando as palavras de nariz a nariz.

Com olhos chamejados, os azuis quase desapareceram e se dilataram. Sua pequena bruxa estava próxima da erupção.

—Você está certo, era um tormento ter que me submeter a você e ao seu toque bárbaro. Estou contente que nunca mais terei que fazer isto novamente.

Sua mão livre balançou por seu rosto com força. Mas segurou seu punho antes de poder bater em seu rosto. E agitou sua cabeça e sorriu. Ela tinha espírito de um guerreiro.

—Oh você fará isto novamente, de fato, neste exato momento. Se prepare para implorar. —E a colocou contra ele. Empurrando suas mãos que bateram em seus ombros. E ela empurrou com tudo que pode, mas ele não se moveu.

—Não. —Ofegou quando ele a forçou a abrir sua boca.

Unhas cravaram em seus ombros. E ergueu sua cabeça, olhando para as mãos dela.

—Remova ou amarrarei as mãos.

Ele não estava para joguinhos, mostraria como era um bárbaro acasalado com sua fêmea.

—Você quer um bárbaro. Darei a você um. Talvez montarei em você do mesmo jeito que um animal gosta, tal como seu conselho diz que são todos os machos.

Cruelmente a sua boca abriu, com a língua penetrando entre seus lábios. Embrulhando o cabelo, segurou na cabeça e afiançou a língua para empurrar mais profundamente. Eliza choramingou. Suas mãos erguidas em seus ombros, ajuntando abaixo suas costas lisas com suor. Ele estremeceu debaixo do varrer de suas mãos.

Mordiscando sua boca, arrastou seu lábio mais baixo com seus dentes. Seu gosto doce, afiado acalmou seu impulso selvagem. Lançando seu lábio, beijou a seu modo, abaixo de sua garganta. E pulsou o ponto batido debaixo dos lábios. Temia ou desejava aquele era feito fazer seu coração correr exaustivamente?

Levantando sua cabeça, e encontrou entre olhares. E se preocupou que achasse medo e resistência, mas só aqueceu e desejou queimar em seus olhos. Seu lábio enrolou de prazer. Ela queria lutar, mas seu corpo já estava rendido ao toque.

* * * * *

Seu sorriso perverso deu em sua pausa. Ela foi alfinetada embaixo quando ele escarranchou sua coxa. Enquanto se movia, teve a oportunidade para escapar. Teve o suficiente das suas pernas afastadas e colocou o joelho em sua virilha, temporariamente o imobilizando. Ela hesitou e soube que não conseguiria fazer isto. Não podia machucá-lo. Não podia prejudicar o instrumento que deu tal prazer.

As espessas coxas separam as suas, segurando-a aberta quando o seu pau duro intimamente a pastou. E fechou os olhos, descendo enquanto suas mãos foram imobilizadas, seus peitos foram mamados. Ele ganhou. E deixou ele ter a vitória. Uma respiração afiada escapou dos lábios dela quando a ponta de seu pênis foi contra o sensível lugar em sua vagina. A umidade despejou novamente e ela clamou.

—Bruton. —Seus olhos tremularam. E não quis implorar, mas precisou dele para enchê-la.

—Shh. —Seus olhos se fecharam. —Não lute comigo. —Suas mãos a acalmaram enquanto sua ereção sondou suas dobras tenras. Seus olhos escuros dilataram. —Aceite-me.

Nesta vez não existiu dor só uma extensão lenta de carne apertada enquanto a empalava em seu pênis rígido. E teve um soluçar em sua respiração.

—Pela Deusa. —Ela balançou seus quadris, aceitando a possessão. Escavou a cintura sem pressa na sua carne sensível. E pegou as bochechas de suas nádegas e os músculos juntos em um maço debaixo de suas mãos.

Segurou a respiração quando seu pênis enterrou fundo o suficiente para suas bolas escovasse nelas.

—Por favor… —Não quis implorar, mas precisou dele para se mover. E quis o que tinha dado a ela antes. E doía durante o passeio selvagem, aquecida pela glória, o sobe e desce de sua respiração, soltando queda que o deixou ofegante e satisfeito.

—Sim Eliza, venha comigo.

Ele moveu e montando sobre ela, e arqueou encontrando a sua punhalada. Ela não estava mais no controle e participaria de sua própria morte.

—Agora… Bruton… Agora… —Suas mãos agarraram seus quadris, arqueando e ele foi impossivelmente mais fundo. Um grito rasgou de seus lábios quando o fogo queimou seu clitóris até sua cabeça.

A luz ofuscante relampejou atrás de suas pálpebras e desmoronou no chão, gemendo sem ajuda, com seu interior pulsando com sensações caóticas. Um súbito da erupção a levou à extremidade e caiu impetuosamente em um clímax devastador. Suas unhas arranharam seus quadris enquanto gritava de prazer.

Ele empurrou uma vez, duas vezes mais antes dele violentamente estremecer. E rosnou uma advertência e sua semente quente despejou em seu corpo. Ela deitou quieta e teve muito prazer alcançado em sua meta, mas quis chorar. Era uma situação impossível. Ele queria que ela ficasse, mas era obrigada a partir. E tinha responsabilidades que não podia virar as costas.

Deitada nua ao seu lado, teve vergonha de admitir que estava certo e também implorou pela sua semente. Ele teve a habilidade de fazer seu corpo ser um traidor contra suas convicções. Era por isto que o conselho partiu?

Não considerou brutalidade ou tortura.

Não, no entanto, perder-se era muito inquietante. Se orgulhava de seu controle, mas ele quebrou isto. Quebrou isto completamente e participou em sua própria queda, até se divertiu nisto.

—Não se irrite, com o tempo se acostumará. Tasha não pode ser mais feliz com seu… com Tilo. —Suas palavras a despertaram de seu estupor.

—É diferente para mim. Eu sou a futura sacerdotisa do conselho. Eu sucederei a minha mãe da mesma maneira que minha filha estará me substituindo. Ainda que eu deseje mudar isto, eu não posso. —E deitou ao seu lado, sua semente vazava de seu corpo e não tendo força para se mover.

—Eu posso. E vou. Ficará aqui como minha companheira. Nosso filho ou filha saberá quem serão ambos os pais.

—Não pode me segurar aqui contra minha vontade. Pode ser até mais forte, mas meus poderes podem o derrotar. —Advertiu, embora soubesse que ela não o machucaria.

—Você sabe que seus poderes não podem me prejudicar?

—É certo que não posso usar meus poderes para evitar a fecundação ou parar seu encanto durante isto, mas não diz que não possa usar meus poderes para escapar de você.

—Sabe por que seus poderes não funcionam comigo? —E suavemente falou, sorrindo.

Agitou sua cabeça, ela nunca perguntaria o por quê.

—Seus poderes não têm nenhum efeito com quem você deseja… ou ama.

—Mentira! —Não podia ser verdade.

—É por isso que o conselho deixou o clã. Elas não poderiam controlar seus companheiros. Seus poderes eram inúteis contra os homens com quem se acasalaram. Tão fortes quanto elas eram, seus companheiros ainda a dominariam. O conselho é formado por mulheres que preferem o poder à amar.

—Não acredito em você.

—Então tente! Tente me prejudicar.

—Te matará.

—Se não me desejar ou amar, se não for seu companheiro verdadeiro, irá. —Respondeu roucamente confiantemente.

—E você se sentará ali e me deixe em paz. —Seu coração acelerou, suas mãos agitaram.

E levantou ela, os dedos apontavam em sua direção. E sentiu o poder eriçar em suas mãos. Lambeu os lábios secos. E respirou fundo.

—Eu não posso... Não quero ver você morrer.

Seu sorriso voltou para cima.

—Sabe o que eu digo é verdade.

—Poderia te machucar. —Nunca o machucaria, mas não poderia dizer isto a ele. Se estivesse falando a verdade até veria o seu desejo... O amor por ele, mas e se ele estivesse errado... Nunca se arriscaria.

—Se você não se importa o suficiente, será melhor que me mate. —Ele moveu para seu lado.

—Você pode me manter prisioneira por um tempo, mas logo escaparei.

—Não há como escapar disso. —Com seus olhos em chamas ao seu. —Você me pertence.

Capítulo Quatro

—Pertenço a você! Não sou sua escrava.

Ele agitou sua cabeça, arrastando-a para seus pés.

—Eu não desejo uma escrava.

Puxando-a, pegou suas roupas.

—Coloque suas roupas. —E viu ela se abaixando, agarrando sua saia e um grunhido escapou. As bochechas de sua bunda eram tentadoras. Felizmente, vestiu a saia antes dele piscar um olhar sinuoso.

Mantendo o olhar em Eliza, pegou uma bolsa que tinha escondido em um tronco oco. Tirando do conteúdo, ele deu a ela um colete.

—Coloque isto. —Eles não teriam que caminhar seminus na aldeia para todo o seu clã ver. Seus peitos eram gloriosos, mas só para ele e seus filhos.

E viu o seu olhar para a árvore. Antecipando seu movimento, ele entrou na sua frente.

—Você não pode escapar. —Não permitiria que ela alcançasse as árvores. Ela poderia se camuflar até alcançar a entrada do outro reino, o reino de Liberian. Ele teve que assegurar antes que ela pensasse e percebeu seus poderes eram limitados, mas não inútil.

Ficou surpreendido que não tivesse discutido, mas aceitou o colete. Era uma vergonha cobrir tal perfeição, mas não eram para se compartilhar. Vestindo a suas calças, assistiu ela se aproximando.

Seus olhos fechados e seus lábios mal se moviam enquanto a assistia. Ela cantou em sua cabeça e não soube o quê.

—O que você está fazendo?

Ela gritou enquanto ele a puxava para perto, seus olhos se abriram e escureceram. Envolvendo a mão em seu cabelo, puxou sua cabeça para trás e a curvou, encontrando sua boca. Vigorosamente, ele separou seus lábios, sua língua duelou com sua até que ela estremeceu no abraço.

—Não pense usar seus poderes contra mim.

A mão foi para o clitóris, achando-a úmida. E apertou contra seu pequeno nervo até que se contorceu.

—Isso vai impedi-la de me prejudicar.

Seus olhos eram um azul reluzente novamente, mas furiosamente se estreitaram.

—Nós iremos para minha aldeia agora e se pensar em fazer outro feitiço tomarei você no chão e montarei em você para todos possam ver.

—Bárbaro. —ela sussurrou antes de partir em direção a sua aldeia.

* * * * *

Desistindo temporariamente da esperança de escapar, marchou na frente dele. Quando chegaram na aldeia, ela recebeu alguns olhares curiosos e saudações de algumas fêmeas que conhecia.

Elas pareceram felizes, mas era o contrário sob o controle dos bárbaros? Quando escapasse, tomaria outros, se desejassem. Uma mulher, jovem, de cabelos escuros, abertamente fixou o olhar nela. Ciúme queimou nos olhos da mulher.

Ela virou para Bruton.

—Quem é aquela garota? —Seu tom foi um pouco mais irritado do que gostaria.

Deu um olhar curioso.

—Ciumenta?

—É ela sua…

—Não diga isto. Ela é só uma garota da aldeia. Ela não quer dizer nada para mim exceto como irmã de um amigo. Você é minha companheira. —E pegou seu braço a apressando em direção a seu chalé.

—Não por muito tempo. —E lançou um olhar bravo por cima do ombro na direção da menina, que produziu uma risada em Bruton.

Quando ela viu o condomínio de chalé na aldeia, hesitou. E lembrou das mulheres prisioneiras e perguntou-se novamente se ele tinha uma ou muitas ali. Ela recusou olhar para o chalé quando chegaram ao seu. Os sons de soluços perfuraram o ar e ela endureceu seu coração contra seu capturador. Obviamente, os bárbaros apreciavam torturar mulheres. Se dada a oportunidade, iria resgatá-las.

Abrindo a porta de seu chalé, a convidou para entrar. Eliza estava impressionada com o tamanho e a organização de sua habitação. Não era tão rústico quanto ela teria esperado de uma raça tão pagã, mas ele era um guerreiro e seu chalé era maior que os demais. Uma cama volumosa coberta por pele dominava um lado do chalé. Sem dúvida, era o domínio de um guerreiro, armas vagaram nas vigas, sua espada e estrelas de skaken fixas perto da porta, mas parecia de um modo ordenado. Até mesmo os trajes de luta estavam dobradas e colocadas em uma cesta grande de roupas. Olhando ao redor, ela achou o chalé confortável e ao seu gosto, até o odor era uma combinação de bosque, cedro e couro. Estava contente até que seus olhos descansaram em quatro estacas fixas no chão sob seus pés. Pelo o espaçamento, era óbvio que elas eram estacas de escravidão, com laços. Era verdade. Bárbaros…

Bruton apreciava forçar as mulheres se acoplarem com ele. Seu coração se afundou, seus olhos queimaram e rapidamente piscou. Ela não daria ao bárbaro a satisfação de suas lágrimas.

Ele a amarraria e a forçaria? Estremeceu ao pensar nisso. Seu acoplamento no rio tinha sido triste, pelo menos para ela. Agora estragou tudo, ser tomada à força até mesmo por ele… Ela não podia pensar isto.

Eliza chutou uma das estacas contra seu pé.

—Este é o único modo que os bárbaros podem conseguir uma fêmea embaixo deles?

—Lembro de você embaixo de mim de boa vontade.

—Só por sua semente, não porque quis. Quantas mulheres você forçou? —Ela não podia acreditar no que pensou, até por um momento, que quisesse ficar com uma besta tão selvagem.

Sobrancelhas escuras levantaram rapidamente com suas palavras.

—Você não sabe do que você fala, mulher.

—Vi a você e seu bando pagão montando em suas prisioneiras. Suas roupas em farrapos, contusões nos rostos, e posso ainda ouvir seus soluços. Como explica isto?

—Eu não tenho que me explicar para você. —Seus olhos escureceram e se ela não soubesse melhor, pensaria que suas palavras o causaram dor.

—Não, você não irá, deixa-me sair daqui.

—Deite-se. —Endireitou seu corpo enquanto pairava sobre ela. O poder formigou em suas mãos. E não podia deixar ele a amarrar.

—O que? Eu não vou… Humf. —E foi ao chão enquanto ele segurava seus pés embaixo dela. Ele diminuiu a velocidade e então a alfinetou embaixo dele. Se contorceu, mas era inútil lutar sua força era superior. O poder físico não ganharia esta batalha, a força mental prevaleceria.

E começou o canto.

—Grande Deusa me ouça... —E viu o couro amarrado ao redor do pulso e seus pensamentos se dispersaram. Ele segurou seu outro pulso no lugar e amarrou a correia. Agora soube o que persuadiu a Tasha ficar. Juntas, escapariam de seus capturadores. Levaria tempo, mas teriam sucesso.

As estacas a espalhava no chão.

—Devo ir ver algumas coisas no chalé da comunidade. Já que não posso confiar em você para ficar aqui, amarrarei você e colocarei um guarda. Você estará segura.

—O quê? Você se acasalou comigo duas vezes e antas com muitas outras não é o suficiente para saciar a sua luxúria? Você tem que ter a elas um pouco mais?

Ela puxou inutilmente suas amarras. Chamou sua força interna. Nada! Fechou seus olhos, inalando profundamente.

Rayden!

—Você é um bárbaro bastardo. —As amarras foram também imersas em Rayden, era a única coisa que deixava seus poderes inúteis.

—Não é nenhuma maravilha as anciãs deixaram o seu tipo. Isto é como os machos controlaram suas companheiras? Drenando seus poderes, fazendo-as inúteis, uma escrava da procriação.

—Seria melhor para seu interesse não falar sobre o que não sabe.

—Eu sei que todos de vocês são bárbaros no cio, brutalizando mulheres por esporte. —Cuspiu as palavras nele.

—Você foi brutalizada? Isto é como você descreve as coisas que fiz com você? Eu a machuquei?

—Estou presa, sem poderes, uma escrava de sua vontade.

Ele alisou tirando o cabelo de seu rosto.

—Se pudesse confiar você… Mas eu não posso. Não deixarei escapar ou prejudicar uma pessoa inocente. —Suas mãos grandes eram tenras. —Brutalizar a alguém não me traz nenhuma alegria. Aprenderá isso com o tempo. —Ele ajustou seu colete e saia. —Não puxe em suas fitas, só machucará a você mesma. —E esfregou a pele de seus pulsos. —Não quero machucar você.

Seus dedos puxaram o laço de seu colete.

—Bruton.

—Não há necessidade de manter eles cobertos em meu chalé. —E puxou um laço, então o próximo. O calor de sua respiração abanou seus seios quando ele abriu o colete. —Ahh, apertado e pronto para minha boca.

Seus lábios fecharam em um mamilo e poderosamente chupou.

—Não… Não. —Sua cabeça desceu. E sua mão viajou pela sua coxa interna. —Isto não é certo. —O guerreiro a deixou fraca, impotente. Ela estava aberta, vulnerável e ele pareceu disposto à vantagem tomada.

Sua mão alisou debaixo de sua pequena saia pequena e se esfregou nela. Um dedo espesso separou sua vagina, arreliando seu interior.

—Doce Deusa. —Ela arquejou as palavras em suas arreliando toque.

—Concordaria se não estivesse tão molhada para mim.

Um dedo perfurou sua vagina e para seu horror, seus músculos internos ondularam, amamentando no dedo, indo mais fundo.

—Você me quer.

—Não. —Ela fechou seus olhos assim não pode ver a verdade.

—Seu corpo quer a mim, quer a meu pau. Sua doce e pequena vagina quer ser preenchida, estirada até o limite. Meu dedo não é o suficiente? Você quer mais.

Outro dedo juntou-se ao primeiro. E choramingou, mas não imploraria.

—Diga a mim que você quer mais.

—Não direi. —Seus olhos abertos, relampejando fogo gigante se aproximando.

Removeu sua mão e virou andando, olhou através do chalé, os músculos de suas nádegas eram apertadas na calça. Sua vagina pulsado em necessidade. E ofegou, ele não poderia deixá-la sozinha.

Ele procurou na cesta e trouxe algo em sua mão.

—O que é isto? —Ela nervosamente tragou.

—Isto? —Ele segurou o objeto para ela ver, uma coisa de forma tubular. Ela achou algo semelhante nos pertences da sua mãe anos atrás. Tasha chamou isto de varinha do prazer. Seus dentes brilharam quando ele sorriu, com a intenção selvagem de persegui-la por todo o chalé.

—Não, oh Deusa… —Não usaria aquela coisa nela.

Ele se ajoelhou entre suas coxas abertas, ergueu seus quadris e levantou a sua saia ao redor da cintura.

—Bruton, o que você vai fazer?

—Eu vou te dar um prazer que você nunca imaginou.

—Mais que antes? Não poderei sobreviver a isto.

Seus olhos queimados com calor líquido.

—Há tantas coisas que você ainda tem que aprender.

A varinha era suave quando escovou sua coxa.

* * * * *

Seus olhos imploraram, mas ele pensou que ela não soube o que realmente queria. Ele abaixou seu olhar. Corado, rechonchudo lábios vaginais cintilaram com a umidade. A ponta da varinha longa, esbelta entrou em sua vagina. E desejou que fosse seu pênis, mas ele precisou reter seu prazer até que pudesse a ensinar o que eles poderiam ter juntos. E precisava levá-la às alturas e além. Era o único caminho para garantir que ela o desejasse, necessitasse dele do mesmo modo que ele a desejava.

Sua nata facilitou o caminho e a varinha deslizou suavemente em sua envoltura apertada. Abaixando sua cabeça, seus lábios se aconchegaram em suas dobras. Achando seu clitóris, e raspou com sua língua enquanto a varinha deslizava devagar em seu canal aveludado.

Seu gosto doce acelerou o sangue e seu pau latejava na calça. Ele precisava dela úmida e bastante disposta embaixo dele, mas não só por hoje... Para sempre.

Ela lutou contra as amarras se movendo embaixo dele, negando sua possessão. Seu olhar subiu e passou por seus peitos duros e encontrou seus olhos cobertos com desejo. Ele sugou seu sensível clitóris com a língua.

Sua cabeça foi abaixou enquanto mordia seus lábios para silenciar seus apelos. Rebelando-se, ele se debruçou adiante com os lábios molhados de seus sucos na boca. Sem dar nenhuma clemência, sua língua perfurou a sua boca. O tórax nu pastou seus mamilos tensos enquanto seu pênis coberto roçava contra a sua vagina quando tirou a varinha de seu corpo aquecido.

—Doce Deusa, Bruton, por favor… —Se contorceu, arrancando sua boca dele, e puxada contra as amarras.

—Não ainda. —Com a boca em um mamilo, amamentando profundamente.

—Argh. —Suas costas curvaram e um grito de frustração deixou seus lábios. —Agora.

Sorrindo e ele lentamente deslizou a varinha em sua profundidade necessitada. Desabotoando seu calção úmido, seu membro dolorido estourou adiante.

Olhos famintos foram até ele. E lambeu os lábios.

—Agora, Bruton.

—Você quer a varinha ou meu pau?

—Seu pau. —Ela respondeu sem vacilação. Seus olhos não escaparam dele e seu pênis umedeceu com a necessidade debaixo de seu olhar quente.

—Ou ambos?

—Ambos. —Seu tiro de olhos para seu. —Eles não se ajustaram.

Agarrando seu punhal, cortou as amarras que seguravam seus tornozelos, mas deixou as amarras no lugar, por via das dúvidas. Curvando seus joelhos, levantou seus quadris, caladamente mendigando a possessão e ele pegou suas nádegas cheias, redondas.

—Não junto de sua apertada vagina. —Alisando os montes, separou suas bochechas e um dedo escovou o buraco virgem que ainda não teve possuído. Queria possuir.

Seus olhos alargaram.

A nata que saía de sua vaginha, ele usou para perfurar o buraco apertado.

—Bruton… Eu… Ahh. —Os saltos dos sapatos cravaram no chão quando tentou fugir. —Que tortura pagã é essa?

—Você não achará isto tortura quando ambos estiverem enchendo você, voará tão alto que seu corpo convulsionará e sua alma estourará em um arrebatado prazer.

Seu dedo deslizou mais fundo e ela arqueou nas pontas dos pés.

—Tão quente e apertada. —Um tremor agitou seu corpo. E quis a levar, mas sabia que ela não estava pronta para a espessura de seu pau.

Levantando a varinha, ele o molhou com seus sucos e substituiu seu dedo a isto. A varinha estiraria seu buraco, fazendo isto facilitaria a sua possessão.

—Não. —Ela resistiu.

—Relaxe. —Lentamente, polegada por polegada, a varinha desapareceu.

* * * * *

Tentando recuperar o fôlego. Certamente, isto estava errado... Proibido. Com lentidão excruciante, ele teve seu traseiro virgem. Seus dedões do pé enrolaram, sua espinha formigou. E tragou outro protesto. Com uma respiração funda, se abateu com o instrumento duro e viu estrelas. Ela se moveu e sua vagina lamentava em ciúme, tão cheia que seu traseiro estava, sua vaginha estava vazia, necessitada.

—Bruton, preciso… —Hesitou enquanto examinava os olhos quentes suficientes para abrasar. Oh inferno, por que não. —Eu preciso de seu… pau. —Seu rosto corou em sua confissão.

Seus olhos fecham e um primitivo grunhido estourou de seus lábios. Ele moveu ligeiramente e seu pau passou por seu molhado, centro dolorido. Na sua primeira punhalada tirou todo ar de seus pulmões. E não pode pensar em nada.

—Bruton.

—Relaxe, você pode suportar isso. —E foi adiante lentamente.

—Desate-me. —Ela queria tocá-lo, sentir seu tórax, pegar seus quadris e o forçar mais fundo, mais duro.

—Não.

Ela choramingou e contraiu-se forte contra ele.

—Mais duro, mais rápido… Por favor.

Ele a curvou, uma mão mantendo a varinha no lugar, a outra segurando os quadris e seu passo acelerou. Ferozmente, empurrando profundamente.

—Tão bom… Eliza… Nunca antes... —ele murmurou entrecortadamente quando seu suor cintilava na pele contra a sua.

Seu corpo tremia, não tinha nenhum controle. Seus músculos internos pulsavam e nunca antes alcançou essas sensações. Ela não conseguia respirar, seus pulmões queimavam. Ritmicamente seu corpo fechou e convulsionou. O calor queimava a sua pele e quando estava prestes a estourar, ele deslizou a varinha em seu traseiro. Antes dela poder recuperar o fôlego, substituiu isto com seu galo espesso. Ele encheu seu... Estirado seu buraco apertado até que pensou que estouraria. Depois da punhalada inicial, o calor escaldante substituiu a dor.

—Oh meu…

E mergulhou mais fundo.

—Minha. —A palavra rasgou de seus lábios. —Minha... só minha. —E empurrou mais fundo, mais duro e seu mundo foi reduzido em flashs de calor e luz atrás de olhos firmemente fecharam. Sua cabeça girou e a escuridão a agarrou.

Ela despertou, e suas mãos foram firmemente presas acima de sua cabeça, mas braços fortes seguravam elas.

—O que aconteceu?

—Eu acho que desmaiei.

A sensação de pulsações e formigamento chamejou em suas partes inferiores.

—Você… —O calor espanando suas bochechas.

—Se terminei? Sim, logo depois de você.

—Oh. —E não pode encontrar os olhos que a assistiam.

—Como se sente?

—Tudo bem, pode me soltar agora?

—Isso depende. Depois disso, você vai me deixar?

Deixaria? Ela não queria, mas seu conselho dependia dela.

—Eu não sei. —Não mentiria para ele, não agora.

—Você pode fugir de mim, de nós e levar meu filho com você? Talvez seja mãe de uma filha afinal.

—O que! Bárbaro, você pensa tudo é resolvido com seu poderoso pênis. —ela gritou alto suficiente metade do clã provavelmente ouvido.

—Eu não sei por que eu desperdiço meu tempo. —Murmurou e ela chutou ele enquanto colocava sua saia acima de sua nudez e vestia seu colete. Puxando uma bata acima dela, ele voltou para ela, andando através do chalé.

—Eliza. —Ela girou sua cabeça ao lado. Parado e olhou para ela por um momento, mas não daria a ele a satisfação de encontrar seu olhar. Sem outra palavra, ele girou e partiu.

Eliza deita, pensou em suas opções. Eram poucas a que teve, com suas mãos amarradas pouca coisa poderia fazer. Ela cometeu enganos em manipular isto desde o início. Devia ter escutado melhor. Soube dos riscos. Ela soube o que aconteceu com Tasha, ou fez ela? Sabendo o que sabia agora, estava insegura. Teria que pensar sobre isto, mas sua mente parecia nublada, tinha muito o que digerir. E precisava de um tempo.

Eliza cochilou até um gargarejo em seu lado a despertou. Abrindo seus olhos, ela viu Tasha segurando uma criança embrulhada. Ela sorriu nela.

—Tasha, solte-me. Nós podemos escapar.

Agitando sua cabeça, Tasha respondeu:

—Eu não posso, não tenho nenhum desejo de partir. A tempo, você não lega qualquer um.

—Como você pode dizer isto? Estes bárbaros nos forçaram! Estou presa. —Eliza puxou as amaras. —São Raydens, não toque neles. Consiga uma faca e corte.

—Eu não posso.

—Eu sou a futura sacerdotisa, atenção minhas palavras. —ela comandou.

—Eu estou seguindo as regras de Bruton agora, como você é. —Tasha desembrulhou a criança empacotada, segurando seu menino de bebê desnudo em cima para Eliza ver. —Ele não é bonito? O que aconteceria com ele se eu libertasse você?

—Ele tem um pai. —O menino minúsculo gorgolejou enquanto chupava um dedo. Eliza não permitiria que se pensasse sobre isto. Deixando uma criança, qualquer criança atrás… dela não podia braça.

—Sim, mas precisa de sua mãe também. E eu preciso de seu pai.

Eliza olhou para sua amiga.

—Solte-me então e eu terei ido.

—Não, eu não posso.

—Suponho os bárbaros castigariam você por desobediência?

—Não. Eu quero que você fique. Sou egoísta suficiente para querer minha amiga. Além disso, sei que em meu coração você pertence aqui com Bruton. Se você for honesta consigo mesma, saberia isto também. Lembro quando você o escolheu como seu doador de semente.

—Nós éramos meninas, jovens tolas. —Não lembraria, não podia lembrar.

—Sim, é verdade, mas sabemos o que gostamos, o que procuramos. Não queríamos viver como todo o conselho.

—Por quê? Nós tivemos tudo que precisamos.

—Não é? Depois do que Bruton fez contigo pensa que pode está satisfeita e voltar para aquele estilo de vida? —Tasha olhou em consideração.

Eliza virou o olhar longe. Ela não estava preparada para responder aquela pergunta.

—Nossas mães, anciãs e as outras, são satisfeitas.

—Não percebe que elas não são como nós? Esperavam que fôssemos como elas, mas não somos.

—Não sei o que você quer dizer. —Sensações, pensamentos, memórias todas chamejado em sua mente. Sua cabeça doeu, ela não podia pensar. Tudo parecia indisposto.

—Não notou que a maior parte das jovens não retornam depois de coletar sementes? Você já não se perguntou o por que?

—Elas são presas como escravas pelas tribos de bárbaros. —Tem que ser verdade, não é?

—Eu não sou, nem é Sulu ou Lena. Eu não acho que as mulheres que vivem em outros lugares são presas.

—Eu estou presa. —Não existia negação ao que ela estava destinada, frágil e vulnerável.

—No momento. Até que você aprenda o que é melhor.

—Eu sei o que é melhor. Você teve uma lavagem cerebral. Nós éramos advertidas, não lembra?

—Eu lembro de tudo. Não? —Eliza encontrou Tasha no olhar, mas não respondeu.

—Você lembra de assistir Tilo e Bruton em seus banhos? Você lembra como nós sentimos assistindo eles? Você lembra do dia que Bruton pegou você? Eles podiam ter nos mantido, mas eles não fizeram, queriam que nós viéssemos atrás deles.

Eliza gastou a maior parte desses dois anos tentando esquecer aquele dia. Tentando esquecer de como sentiu quando esteve muito perto de Bruton, sentir seu toque, o roçar de seu corpo contra sua. Agora ela teria que tentar esquecer o que sentiu como ficar na cama até tarde, em seus braços, beijar seus lábios, saber a completa possessão. Um soluço escapou seus lábios.

—Pare.

—Não. Você lembra do castigo quando nós tolamente dissemos as nossas mães? Elas não têm desejos por um homem, mas nós temos. Nós sentimos.

—Você está dizendo que…? —Ela não podia completar a frase.

—As mulheres mais velhas de nossa tribo, sua mãe, minha mãe, elas não têm nenhum uso para os homens. Nossas mães gostam de uma das outras.

—Você quer que eu acredite que nossas mães e as anciãs…. Que elas querem que nós…

—Eu vi uma vez. Eu era jovem e tentei não pensar sobre isso, mas vi. —O olhar de que Tasha confirmou quando falou da história. Ao mesmo tempo, Eliza não questionou o que Tasha disse.

—É mentira. —Eliza temia não poder mais confiar nela agora, que ela estava debaixo da influência dos bárbaros. Ele pode tê-la convencido disto. Ela poderia estar confusa. Bruton teve que implicar algo desta natureza também. Poderia ser artifício do bárbaro.

Tasha agitou a cabeça.

—Tem alguém esperando para ver você.

Eliza supôs que seria Lena, tem sido amigas antes de sua hora de se recolher. Seus olhos se arregalaram, surpreendidos por ver Tilo entrar no chalé.

—Você lembra do Tilo.

Eliza balançou a cabeça, olhando para o macho grande, loiro, vendo raiva e calor em seus olhos. Ela odiou aparecer amarrada, humilhada diante deste bárbaro. Ela se moveu nervosamente quando ele se acomodou ao seu lado, sua mão ajeitou o seu cabelo.

Seus olhos foram para trás até Tasha, a tempo de testemunhar um sorriso encorajador quando piscou para o grande macho.

—Não tema Tilo, ele é seu irmão.

Seus olhos arregalaram para o Tilo, vendo o cabelo loiro, até mesmo aparentando como o seu próprio. Agitou sua cabeça negando.

—Eu não tenho um irmão.

—Sim você tem, Pequena Lizzy. —O apelido reverberado em sua mente. —Pequena Lizzy, não corra, Pequena Lizzy, venha aqui, Pequena Lizzy… Pequena… Lizzy… —Ela agitou sua cabeça.

—Não… não. —Outra voz ecoou em sua cabeça. —Eliza, você está bem? —Uma voz familiar ecoada em sua mente.

Um menino jovem de cabelos escuro a ajudou a se levantar do chão e limpou seu joelho.

Ela olhar piscando para Tasha.

—Você lembra dele? Você era mais jovem que eu quando nós partimos e fui proibida de falar sobre qualquer coisa.

—Eu não… Eu não estou certa.

—Você sabe as Liberians viveram aqui em Barbar, até o outro reino ser criado.

—Sim, mas isso foi há muito tempo. Muito antes de nós nascermos.

—Não muito tempo atrás, você tinha três ou quatro anos. Eu, seis anos.

—Eu tinha dez quando você partiu e Bruton onze. —Seus olhos foram para Tilo.

Lágrimas despejaram de seus olhos. Até hoje, ela não chorou em anos. Não desde sua mãe arrastou-a gritando e chorando da aldeia, longe de seus amigos, seu irmão e Bruton.

—Tilo. —Ela piscou de volta as lágrimas, tentando sorrir.

—Ahh, Menina Lizzy, levou você tempo o suficiente. —Puxando um punhal de seu cinto, cortou as amarras de seus pulsos, puxando ela em seus braços.

—Tilo, meu irmão.

—Sou eu.

—Eu esqueci…

—Shh, não há necessidade, Tasha explicou que há muito tempo que você não lembrava de nós. Você era muito jovem, o trauma foi muito grande.

—Bruton… —Ela não conseguia falar mais do que seu nome, felizmente, Tilo compreendeu.

—Ele sabe que você não lembra de nós ou de nossos costumes. Tasha disse a ele que você acreditava no credo. Quando ele pegou você naquele dia no rio... Ele têm estado esperado por você desde então. Esperando você voltar e querer ficar. Eu acho que foi mais difícil para ele, a espera e não saber se você retornaria, se você o escolheria.

As lágrimas fluíram abaixo de seu rosto e fungou quando Tilo falou. Todos esses anos perdidos, porque as anciãs separaram os clãs.

Um gemido subiu do outro lado do chalé. Eliza virou seus olhos para o bebê.

—Meu sobrinho.

—Sim. —Tasha respondia à medida em que se aproximava. —O nome dele é Draydon, mas nós o chamamos de Dray. Ele tem três meses.

—Eu posso segurar?

Tasha assentiu, estendendo o pacote embrulhado, e nervosamente Eliza tomou o bebê, sustentando a pequena cabeça.

—Ele é lindo.

—Bonito. —Tilo inserto.

Ele deitou através de seu peito e ele começou a mamar.

—Eu acho que ele quer seu peito. —Eliza riu como ela o deu de volta para sua mãe.

—Sim. Logo você terá um pequenino para amamentar em seu peito. —Tasha disse, abrindo seu colete e colocando a criança para seu seio.

—Então, tenho que lutar com Bruton pela sua honra?

—Bruton… Oh Tilo. —Ela encontrou seu irmão é olhar. —O que farei?

—O que você quer fazer?

Capítulo Cinco

Já era tarde quando Bruton entrou em seu chalé. Ele ausentou-se mais tempo do que era necessário. O olhar de rejeição no rosto da Eliza comeu sua alma. Ele decidiu que não poderia mantê-la presa se ela quisesse ir. Tinha que deixá-la livre. Ele viveu estes últimos dois anos sem seu coração, sem a menina que iluminou a luz de sua alma. Ele a libertaria no dia seguinte. E esperava que quisesse ficar. Que resistiria os ensinamentos de seu conselho, mas não a forçaria.

Esperando a achar com rumo às estacas, seu coração correu ao ver as correias cortadas. Ele caiu de joelhos, segurando sua cabeça. Ele não teve a chance de dizer adeus. Ele poderia nunca a veria novamente, ela ou sua criança. Sua mão agarrou uma estaca e com força cresceu de raiva e pesar e arrancou isto do chão. Levantando isto no ar, ele hesitou. Ele devia dirigir isto por que era remanescente de seu coração?

Uma pequena mão forte embrulhou ao redor seu pulso.

—Eu iria usar daquelas estacas para prender você. —Sua cabeça girou. Limpou seu rosto, esperando que estivesse muito escuro no chalé para ela ver a umidade, a prova de sua debilidade.

—Eu pensei que você tivesse ido. —Sua voz coaxada.

—Sem um adequado adeus?

—Eu mereço um?

—Os bárbaros conseguem o que merece. Minha mãe deixou meu pai porque ele era um homem brutal, odioso. —Ela tomou a estaca de sua mão, sacudindo isto no ar. —Agora é hora para você conseguir o que merece.

Ele lançou um olhar para o chão e não quis que visse a devastação que suas palavras causariam.

—Acho que merece ter esse pau grosso sugado.

Sua cabeça subiu. Ela não acabou de dizer… Os olhos azuis cintilaram com malícia e uma risada cascuda escapou de sua garganta. Ele moveu mais adiante.

* * * * *

—Não desta vez. —Ela empurrou em seu tórax. Sua cabeça arrebatou e ele a olhou com olhos famintos, cobertos. —É minha vez. —Seus olhos abriram mais largos, cintilando a escuridão, feral de intensidade. Um sorriso sensual enrolou seus lábios.

—Sou todo seu. —Ele estende suas mãos.

—Solte esse calção e deite-se.

Ele piscou. Uma risada má estourado de seus lábios.

A crista espessa de sua excitação era evidente pelo material apertado. Eliza tragou profundamente. E esperava que ele não notasse o tremor em suas mãos enquanto ela desabotoava o calção.

—Tira.

Ele não aborreceu com uma túnica. Sua mão abaixou para os laços de sua bermuda, e lentamente abaixou o fecho. Seu pênis ereto estourou do material aberto. Seus polegares engancharam em sua calça, seus quadris dançaram.

—Mmm, eu gosto disso. —Olhos escuros encontrados os dela.

—O resto. —Ela acenou novamente e lambeu os lábios. Seu sorriso era uma promessa má quando ele retirou o seu calção para baixo de suas coxas. Centímetro por centímetro músculos impressionantes apareceram no escurecer da luz. Finalmente, ele ficou reto soltou o material a seus pés. Seus bíceps incharam quando ele se deitou entre as estacas restantes e cruzou seus braços atrás da cabeça. As coxas alargadas e um joelho curvado não escondeu nada. Seu pênis ereto curvou sob seu próprio peso estirado em sua barriga estirado bem além de seu umbigo.

—Oh Deusa. —ela suspirou.

Ela caiu de joelhos ao seu lado. As palmas das mãos suavam e sua boca estava seca. Tasha fez soar simples e agradável, mas agora... E se ela fez algo errado?

—Eliza. —Seus olhos voaram encontrar o seu. —Relaxe. —Ela assentiu. —Toque-me se você quiser, mas se não estiver pronta… —Seu quente olhar, olhos castanhos cheiros de amor e compreensão derreteu-lhe medo.

—Eu estou pronta. —E colocou a mão sobre o peito, cabelos suaves e elásticos enrolados ao redor dos dedos. E encontrou um mamilo masculino apertado e puxou-o com o polegar. Inclinado-se, ela circulou a pequena saliência com sua língua e seu núcleo alisado com seus sucos. Ele gemeu baixo em sua garganta.

Seu gosto era salgado, e cheirava a ar livre e homem. Ela inalou profundamente. Localizando uma pequena cicatriz do lado dele desceu pelo quadril. Nem uma palavra passou seus lábios, mas o seu corpo estremecia debaixo dela toca. A pélvis pouco saía do estômago, plana, ondulada e entre eles estava o paraíso. Sua mão nervosa equilibrou sobre sua ereção por um momento. Girando seus olhos à sua, ela viu sua reação quando ela arrastou um dedo ao longo da crista levantada a partir da base até a ponta.

Músculos tensos e sua respiração silvou entre os lábios. Ele não se moveu, mas ela podia dizer o que ele queria. E lembrou de como era a sensação de ter ele a tocando intimamente, com os dedos escovando sua fenda, mergulhando em seu interior. Ela mexeu, apertando suas coxas. E quis dar a ele aquele tipo de prazer. Queria que ele se estorcesse em êxtase debaixo de seu toque, necessitado dela do mesmo modo que precisou dele. Voltando seus olhos para seu comprimento glorioso, colocou uma mão firmemente em torno da base, acariciando o comprimento tórrido. Uma gota de umidade cintilou na ponta, e não desperdiçaria isto em sua mão. Ela inclinou-se e disparou sua língua para lamber sua semente perolada. Ele gemeu, contraindo os quadris resistindo.

—Mmm. —Lambeu os lábios, saboreando sua essência, saboreando o sabor de sua semente. Ela se inclinou mais perto. Seu cheiro almiscarado aqueceu seu sangue. Seu gosto sem igual agradou a seus sentidos, ela queria mais. Molhando os lábios, ela separou-os sobre sua ereção. A cabeça de seu pênis estirou os lábios e encheu sua boca. Ela girou com a ponta da língua em torno da ponta chamejada, buscando mais a sua colocação.

Ele arqueou em uma posição meio que sentado, e embalou seu pênis, uma mão em seu cabelo enrolado, persuadindo a ela mais perto quando ele lentamente ergueu seu quadril.

A outra mão dele correu ao longo de suas costas e abaixou debaixo da saia dela, achando seu núcleo molhado, necessitado. Dedos espessos separaram suas dobras, deslizando facilmente em seu creme.

—Eliza, eu não posso demorar muito mais de seu primoroso prazer. —Ela moveu o seu pênis e escovou de volta no fundo da garganta. E tragou profundamente, permitindo-o deslizar um centímetro a mais na caverna de sua boca. Seus dentes rasparam sua carne, sua língua lavou o comprimento rígido. E tinha um gosto tão bom que ela nunca quis deixar seu pênis, mas ao mesmo tempo ela queria enterrar profundamente em seu núcleo dolorido.

—Sim. Chupe-me. Tome mais, Eliza… Mais. —Seu entregar sua guia de cabelo sua boca em sua seta enquanto um dedo perfurou seu buraco. Ela empurrou de volta contra a invasão cega, amamentando mais duro em seu comprimento espesso.

—Tenha clemência, minha pequena bruxa. —Um grunhido rasgou de seus lábios e suas coxas tremeram enquanto ele lutava pelo controle. Outra punhalada do dedo dentro dela, em um rápido movimento do fogo seus dedos dirigiu em seu clitóris. Ela gemeu em volta do seu pênis, os quadris balançando para cima e para baixo, buscando o fim de seu tormento.

Sua mão envolveu a parte de trás de sua cabeça enquanto seus quadris bombeavam, afundo na garganta. Cheios ambos estavam, ela se contorceu, seus músculos internos tremulavam enquanto lançava acima dela.

—É tarde demais, tarde demais. —Jogando sua cabeça para trás, rugindo em êxtase torturado. Uma quente colocação entrou repentinamente em sua boca, jorrando em sua garganta. E tragou convulsivamente, ordenhando cada gota do fluido penetrante de seu pênis.

Bruton caiu no chão, com o pênis semi-ereto saindo de sua boca. Seu olhar sonolento a assistiu enquanto suspirava.

—Onde você aprendeu a mamar um homem? —Ele ofegou.

—Tilo. —ela respondeu ofegante, enquanto enxugava com a mão seus sensíveis lábios inchados.

—O que disse? —Ele rugiu, sentando rapidamente, com seu olhar assustado sustentando-a no lugar.

—Eu quis dizer que Tilo ensinou a Tasha e ela pensou que você poderia gostar…

Os lábios se chocaram com a sua, cortando suas palavras.

—Tasha é uma mulher maluca. Eu a devo a ela meu agradecimento. —E lambeu os lábios com um estranho olhar no rosto. —Então que gosto eu tenho?

—Você nunca saboreou sua colocação nos lábios de outra?

—Eu nunca permiti uma fêmea me levar assim.

—Não tem.

Ele agitou sua cabeça.

—Só me aproximei de outras, antes daquele dia no rio.

—Você quer dizer desde então você não tem… —A alegria estourou em seu coração com suas palavras. Ela não tinha nenhum direito fazê-lo esperar por tanto tempo.

—Tenho esperado por você. Não podia me aproximar de outra enquanto meu coração pertencia a você.

—Você não permitiu a nenhuma coletora ter sua colocação.

—Não. Ninguém geraria minha criança, alem de você. Embora algumas tentaram…

Eliza abraçou o seu bárbaro satisfeito consigo mesmo com sua coxa nua.

—Oh, estou certa de que elas tentaram… Mas não mais. Aquela menina de cabelos escuros…

—Ela logo será informada que você é minha companheira, companheira de meu coração.

—As prisioneiras… —Seus olhos escuros voltaram para os dela cheios de amor.

—Não. —Ela levantou sua mão para silenciá-lo. —Você não prejudicaria as mulheres. —Respondendo a sua própria pergunta. Ela sabia em seu coração que Bruton, Tilo e os outros homens deste clã não prejudicariam mulheres inocentes. Esse era seu clã e com exceção de alguns, incluindo o pai dela, eles eram bons.

—As mulheres que estavam sendo prisioneiras eram do clã rebelde do seu pai. Meus guerreiros… não tiveram nenhuma escolha.

—Você o matou.

—Sim, mas não fui o único a dar o golpe fatal.

Sem dizer uma palavra, Eliza soube que Bruton não tinha ferido os seus sentimentos por ela.

—Foi o melhor. —Ela enrolou-se em seu colo, enterrando seu rosto em seu pescoço. Do pouco que pode lembrar dele era só um doador, nunca um pai.

—Sim. —Os braços envolveram ao redor dela, embalando-a no tórax. —Não existe nada agora para evitar a sua mãe e as outras de retornarem a nosso clã. Elas seriam bem-vindas.

Os olhos encontraram os da Eliza com a sua mente trabalhando apressadamente. Sua mãe iria e as outras Liberians estariam dispostas a retornar ao clã? Dezesseis anos era muito tempo. Elas definiram o seu destino, no qual não incluíam os homens, mas todo ano poucas mulheres retornavam de sua coletagem. Elas estariam muito mais seguras aqui dentro de um clã maior. E soube que Bruton era verdadeiro em sua palavra. Ele permitiria que vivessem em paz entre o clã. Serviria bom para o clã se unir mais uma vez. Sua mãe podia ver o Tilo. Haveria outras que encontrariam com seus filhos. Frequentemente via sua mãe pensativa e abandonada, agora sabia o por que. Deve ter sido uma tortura deixar seu filho para trás. Não era algo que consideraria fazer.

Tinha sido duro suficiente deixar Bruton dois anos atrás quando ele a surpreendeu no rio. Sorriu quando pensou sobre aquele dia.

—Você os vê? —Tasha perguntou no seu lugar escondido nas árvores.

—Tilo está na água, mas não vejo Bruton. —Ela insistiu em andou nas pontas dos pés. —Existe algum outro macho… —e ofegou, tropeçando para trás em um tronco de árvore. Bruton estava atrás dela, poderoso e nu. Ela fechou seus olhos. Por que não ficou nas árvores?

—Eliza. —Tasha chamou.

Bruton se aproximou, sua nudez escovando sua carne.

—Eliza está bem... Ela está comigo.

—Bruton. —Tasha pairou acima.

—Não interfira, Tasha. —Eliza conheceu a voz do Tilo, mas não podia vê-lo, armação volumosa do Bruton encheu sua linha de vista.

—Espionando, Eliza, você tem só que pedir e deixei você olhar para te satisfazer. O que estava esperando ver?

—Não é… Nós não estávamos.

—Você pensa que nós não conhecemos vocês, pequenas bruxas, vêm aqui assistir a nós tomamos banho?

—Não, é que… Nós estamos tentando escolher um doador de sementes.

—Como você escolhe? Pelo tamanho de nossos pênis?

Eliza ofegou em suas palavras, agitando sua cabeça em negação.

—Não… Nós não.

—E você me escolheu.

—Eu não disse… —Oh Deusa, a ponta de seu galo pastou seu estômago.

—Você quer minha semente? —Ele ronronou as palavras em sua orelha. —Você quer minha semente afundo em seu corpo virgem? —Ela olhou abaixo e ofegou. O calor floresceu em suas bochechas, ela nunca viu um macho nu de perto antes.

—Eu sou muito jovem.

—Você tem dezoito... velha o suficiente. —Seu lábio morno escovou e seu pescoço e se contorceu. —Você tem gosto bom o suficiente para comer.

—Por favor, eu não quero machucar você. Deixe-me ir.

—Você pode me machucar? —Seus olhos escuros, intensos no seus. —Você vem aqui e assistir tomar banho e me escolheu para dar minha semente a você. Você vem aqui me vigia e escolhe outro?

Eliza gemeu em suas palavras como uma sensação estranha que balançou o seu clitóris.

—Você está molhado entre suas coxas por mim? Se estiver, você é impotente contra mim. —Com um roçar leve de sua mão, ele tocou em sua bochecha. —Eu devia tocar em você e ver?

Suas coxas tremeram e ela juntou seus joelhos. Para seu horror, umidade vazava de seu clitóris. Suas palavras só fizeram isto mais intenso.

—Eu estou pronto para dar a você minha semente. —Ele puxou seus quadris contra ela, provando seu ponto. —Você está pronta para aceitar isto?

—Eu… —Sua mão encontrou casualmente seu ombro, abaixo seu braço, escovando os lados de seus peitos. Ela vacilou debaixo de sua mão, seus peitos doíam de necessidade.

—Bruton. —Voz áspera do Tilo a chacoalhou. —Você não pode acasalar com a sua... Elas a matarão.

—O quê?

—Está no credo, se uma fêmea aceitar sementes antes de seu vigésimo ano, ela é desmerecedora e a matarão. Tasha acabou de dizer isso a mim.

—Isto é verdade?

—Sim. Se você não pode controlar seu corpo, você será julgada incapaz de controlar seus poderes. —Ela confirmou a mentira de Tasha e aumentou.

—Você está segura se ficar comigo. Ninguém irá prejudicar você.

—Não posso.

Ele se afastou dela e bateu sua mão no tronco da árvore.

—Vá então. —Ele virou com seus olhos ardentes. —Retorne quando você alcançar vinte anos.

Ela agitou sua cabeça. O medo impediu ela de falar.

—Se você pensar escolher outro doador, ele morrerá no dia que ele tomar você.

—Bruton. —ela ofegou, surpreendida por seu tom venenoso.

—Atenção minhas palavras! Ninguém jamais tocará em você.

A voz do Bruton trouxe de volta para o presente.

—Elas serão bem-vindas a viver como elas quiserem, com quem escolherem. —Ele declarou.

—Nós podemos pedir a elas para juntarem ao clã.

—Se elas recusarem?

Ela odiou a incerteza em sua voz.

—Eu sou de Liberian, mas meu lugar é aqui em Barbar, com você. Amo você.

—Sim. Seu lugar sempre será comigo. —Uma mão deslizou debaixo de sua saia, achando seu traseiro nu. —Eu devia ter mantido você aqui quando te encontrei naquele dia no rio.

—Por que não fez?

—Temi que fosse embora. Não podia ter a chance delas te matarem. Eu amei você desde então, como amo agora. Sua mãe virou suas costas para Tilo. Ela poderia ter deixado você morrer.

Eliza riu.

—Nós mentimos, isto não está no credo. As anciãs não me matariam.

—Acho que terei que castigar você.

—Você quer me amarrar? —Ela segurou suas mãos, oferecendo submissão total.

—Não. Quero sentir suas mãos em mim enquanto amo você.

—Sim. Ame-me, bárbaro, ame-me.

FIM

Sobre o Autor

L. A. Day só existe na mente de uma simples mulher e dedicada mãe. Uma ávida leitora desde a infância, ela começou a escrever romances na adolescência. Agora, 20 anos depois ela evoluiu para o romance erótico. Apoiada por seu marido de há muitos anos, ela passa suas noites em frente ao computador.

Ela agora tem uma chance de trazer as histórias de vida para todos. Seu gênero favorito é o romance erótico com um toque paranormal. Ela acha que se você vai criar um personagem macho alfa, por que não torná-lo maior, mais forte, mais bem dotado do que qualquer homem humano poderia ser? É uma fantasia, afinal. Graças a Cave Ellora, L. A. Day pode viver sua fantasia, fazendo o dinheiro para pensar em sexo 24 horas por dia e 7 dias por semana.



Visitem nossos blogs:

RomantiCon
http://romanticonlivroshot.blogspot.com/

Calientes
http://ebookshotmell.blogspot.com/

Western
http://livrosemtraducao.blogspot.com/